

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



IBÉRIA

VOLUME 31, 2010

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O JUDEU PORTUGUÊS ISAAC ABRAVANEL NO ESPAÇO IBÉRICO E EUROPEU

1. Em Portugal

Ocorreu em 2008 o 4.º centenário da morte de Isaac ben Judah Abravanel, figura cimeira do judaísmo português, considerado o mais importante exegeta judeu e filósofo da religião de fins da Idade Média. Evidenciou-se em Sefarad (Península Ibérica) como uma das personalidades cimeiras do hebraísmo peninsular impondo-se como homem de estado e das finanças, diplomata, teólogo, filósofo, exegeta bíblico, apologista e literato⁽¹⁾. Benzion Netanyahu no seu importante

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

⁽¹⁾ Além de Abravanel, encontramos ainda as formas Arabineses, Abarbanel, Abarbinel, Abrabaniel, Barbanela, Ravanella e Habraamos. Levantam-se várias hipóteses quanto ao termo exacto. A tradição da família Abravanel remonta a tempos muito afastados. Vide A. Ribeiro dos Santos, "Memórias da Literatura Sagrada dos Judeus Portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até os fins do século XV", in *Memórias da Literatura Portuguesa*, vol. II, Lisboa, 1972, pp. 287-290; Cantera Burgos utiliza Braunel ("Don Isshaq Braunei", in *Saló Wittmayer Baron Jubilee Volume*, Jerusalém, 1975, pp. 237-250); Abravanel: E. Carmoly, "The History of Don Isaac Abravanel", in *Otzar Nechumad*, parte II, Viena, 1857, pp. 47 e 62; B. Netanyhau, *Don Isaac Abravanel, Statesman and Philosopher*, Filadélfia, 1953, pp. 261-263. Quanto à origem do vocábulo, pensa-se que provém de Abraão (Netanyahu, p. 262; *Ene. Judaica* II, 1er. 1971, p. 102); C. Roth, *Ene. Judaica*, I, Rio de Janeiro, 1967, p. 27). O termo *Habraamos* deixa supor esta interpretação. Alguns autores derivam o nome *Hebreus* de Abraão e

livro, *Don Isaac Abravanel. Statesman & Philosopher*¹, traça-nos de forma modelar o trajecto e o vasto talento de Isaac como homem político e do mundo da cultura. Ciência e grandeza (*torah vegeđulah*) eram as duas características do judeu ideal de acordo com o Talmud. Joaquim de Carvalho chamou-lhe "o mais notável dos judeus nados e criados em Portugal no século XV"² (3). E Aquilino Ribeiro em *Portugueses das Sete Partidas*, 3.^a ed., Lisboa, 1950, dedica-lhe algumas páginas. Ainda hoje Isaac Abravanel e a sua obra são objecto das atenções de muitos estudiosos. O livro *O Baú de Abravanel. Uma crónica de sete séculos até Silvio Santos* da autoria de Alberto Dines é significativo. O empresário brasileiro Silvio Santos, pseudónimo de Señor Abravanel, casado com Íris Abravanel, é um dos muitos casos de descendentes do exímio sábio judeu português. Dines traça-nos a narrativa da atribulada vida de gerações de hebreus com esse nome que sobreviveram aos ventos tantas vezes tempestuosos da história.

A família Abravanel foi uma das mais famosas da Península. Os seus membros viviam em Sevilha, onde se evidenciou Judah Abravanel. Samuel Abravanel, seu neto, instalou-se em Valência e o filho de Samuel, Judah (ou talvez ele mesmo), deixou Espanha a caminho de Portugal. Isaac Abravanel, filho de Judah, voltaria para Castela após a perseguição de D. João II, e aí viveu até à expulsão de 1492. Dali, com os seus três filhos, Judah, Joseph e Samuel, dirigiu-se à Itália. Os seus descendentes e outros membros da família fixaram-se na Holanda, Inglaterra, Turquia e noutras regiões.

não de Ever, descendente de Noé. Vide Amador Arrais, *Diálogos* III, reed., Porto, 1974, p. 124.

(2) The Jewish Publication Society of America, 1953; a 5.^a ed., revista, é de 1998. Tradução esp. de Ciriaco Morón Arroyo, Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo, 2004. A obra é dividida em duas partes com oito capítulos: na primeira parte intitulada "Financeiro e homem de estado", trata de Portugal: feliz porto; Espanha, país de perseguição; Nápoles: cenário de problemas e Veneza, último refúgio. Na segunda parte, intitulada "Exegeta e filósofo", aborda os temas: cosmovisão, visão da história, ideias políticas e messianismo; encerram a obra o epílogo, vários apêndices, a bibliografia e diversos índices.

(3) Joaquim de Carvalho, "Uma epístola de Isaac Abarbanel", *Revista de Estudos Hebraicos*, vol. 1, Lisboa, 1928, pp. 231-238.

Isaac Abravanel nasceu em Lisboa no ano de 1437, filho de Judah Abravanel, e morreu em Veneza em 1508 (5629), aos 71 anos de idade, vindo a ser sepultado em Pádua. O seu desaparecimento foi profundamente chorado pelos cidadãos judeus e não-judeus do local e de outras partes. Sobre a morte de seu pai escreveu Leão Hebreu uma elegia:

"41. Ah! Como a nossa comunidade se encontra solitária!

Quem apregoa publicamente o nosso choro no lamento da aflição?

42. O Príncipe do Tempo não morreu, ele vive para sempre, e se nós morremos como ele morreu, é melhor do que foram as nossas vidas.

43. A sua alma viverá eternamente, o seu nome permanece perpetuamente,

O mérito das suas excelentes obras alcançar-nos-á mérito.

44. Oh! Todos os que o conhecem confortam os seus filhos e a sua casa, Porque chegou o Tempo para mudar todas as vozes naquilo que é o nosso júbilo:

45. O Príncipe está vivo, vivo! Porque deploramos a sua felicidade?

Deixai-nos ficar pela sua sorte, mesmo se a nossa comunidade está solitária!".

Já o pai (Jehuda Abravanel) fora tesoureiro-mor do Reino e ele continuou a exercer esse cargo no tempo de D. Afonso V até à fuga para Espanha e daqui para Itália. No início do seu comentário ao livro de Josué apresenta-se assim: "Eu, o homem Isaac, filho do valente (autor) de numerosos feitos, e cujo nome é grande em Israel, o senhor Judah, filho de Samuel, filho de Judah, filho de José, filho de Judah, da família dos Abravanel, todas personagens consideráveis entre os filhos de Israel, saída da raiz de Jessé o Betlemita, da família da casa de David, guia e legislador dos povos, abençoada seja a memória do justo!".

Recebeu uma esmerada formação de seu mestre Joseph ben Abraham Hayyun, famoso rabino de Lisboa, alcançando assim uma sólida educação talmúdica e escriturística⁽⁴⁾. Era muito versado na literatura talmúdica e entregou-se com muita dedicação ao estudo do judaísmo.

⁽⁴⁾ Vide Abraham Gross, *R' Yôsêfbên Avrâhâm Hayyûn, manhîg qêhillat Lisbon w-isirâtô* (chefe da comunidade judaica de Lisboa e a sua obra literária), Râmat-Gan, 1993. O livro inclui uma descrição da comunidade judaica de Lisboa e do seu chefe, Rabbi Joseph Hayyun, no séc. XV, e uma análise de alguns dos seus

As suas qualidades políticas fizeram com que fosse chamado por D. Afonso V para trabalhar ao seu serviço como tesoureiro-mor. Ganhou a confiança do monarca e uma enorme reputação como homem de estado e intelectual. Abravanel obteve grandes favores que o rei de bom grado lhe concedeu, como andar pelo país sem a marca judaica, atendendo aos seus méritos e alto prestígio. Aliás nunca será demais encarecer a actividade dos judeus em Portugal em diversos domínios, como nas letras, na imprensa, nas ciências e na medicina, pelo que a sua expulsão deve ser considerada uma autêntica sangria, como aconteceria depois com a saída dos padres da Companhia de Jesus e das ordens religiosas.

Na referida introdução ao livro de Josué escreve acerca da sua vida no tempo de D. Afonso V (1542-1481) e de D. João II (1455-1495), mostrando a diferença entre as duas fases. Do período do primeiro monarca evoca os momentos de felicidade que então lhe foram proporcionados: "Eu vivia em paz como senhor da minha casa (Dan 4, 1), uma casa cheia das bênçãos de Deus (Deut 33, 23) na famosa Lisboa, uma cidade e uma mãe (2 Sam 20, 19) no reino de Portugal. - O Senhor ordenou a bênção nos meus celeiros (1 Cr. 29,12), e toda a felicidade terrena (Ecle. 2, 8). - Edifiquei as minhas casas (Ecle 2, 2) e largos pórticos (Jer 22,14). - A minha casa tornou-se um lugar de encontro dos sábios (Avoth 1, 4), lá havia os tronos para julgamento (Sal 122, 5) saindo de lá (Gen 2,10), através de livros e autores bom discernimento e conhecimento (Sal 119, 65) e o temor de Deus (Pro 1,7). - Na minha casa e dentro dos meus muros (Is 56, 5) havia grande riqueza e justiça (Pro 8, 18), um memorial e um nome (Is 56, 5), ciência e grandeza (Gittin 59a), como entre os homens nobres de antiga estirpe (Gen 6, 4). - Eu era feliz na corte do rei (Dan 4, 1) Dom Afonso, um poderoso monarca cujo domínio se expandia (Dan 11, 3) e atingia de mar a mar (Sal 72, 8), prosperando em tudo o que fazia (Sal 1,3), um rei que confia no Senhor (Sal 21,8), temendo a Deus e fugindo do Mal (Prov 14,16), procurando o bem do povo judaico (Est 10, 3) quando as cabeças do povo eram reunidas (Deut 33,5), incomparáveis aprendiam homem e mestre (Job 36, 22), que apreciavam a árvore do conhecimento (Gen 3, 24), que ele não podia atingir com a sua mão

escritos (comentários e introduções aos textos bíblicos, publicados em hebraico pela primeira vez).

(Gen 8, 9). Durante o seu próspero reinado (Dan 11, 12), o Senhor lembrou-se dos judeus (Rut 1, 6) para lhes dar o pão (1 Reg 5, 23). Os judeus gozaram de alívio e de liberdade (Ester 4,14). Debaixo da sua sombra deleitava-me sentado (Cant 2, 3) e quando eu estava perto dele (Is 48,16), ele tendia a sua mão na minha (2 Reg 5,18), e enquanto vivi (Sam 1, 20-31) passeava livremente na corte (Dan 4, 26)"⁽⁵⁾.

Segue-se a fase seguinte, o tempo de D. João II (1481-1485), que foi de perseguição aos judeus envolvendo o próprio Isaac Abravanel, acusado de envolvimento com o duque de Bragança e com a nobreza na conspiração contra o monarca. Diz que o rei se mostrou irritado com ele, embora nunca cometesse nenhuma injustiça. Foi incluído entre os conspiradores e só sentia alívio nas palavras bíblicas que consolam os perseguidos e desventurados da vida. Até que numa noite decidiu abandonar Portugal e refugiar-se em Castela com a família (1483) fixando-se primeiro em Toledo. Os seus bens foram confiscados e conheceram vários destinos⁽⁶⁾.

Apesar dos altos cargos que exercia, não esquecia os seus irmãos mais desfavorecidos. Assim aconteceu com os judeus cativos de Arzila vendidos como escravos pelos mouros. Com a sua enorme riqueza e pedindo o auxílio de outras pessoas conseguiu libertá-los.

O judéo-brasileiro Elias Lipiner⁽⁷⁾, brilhante estudioso dos judeus portugueses, com quem tivemos o privilégio de conviver e que contávamos como um grande amigo, fala no seu livro *Two Portuguese*

⁽⁵⁾ A sua inocência vem expressa também no poema hebraico *Lamentação do Tempo*, escrito por Leão Hebreu (Carmoly, *History*, p. 71). N. Slousch traduziu estes dramáticos versos para francês (*Revista de Estudos Hebraicos*, vol. I, 1928, pp. 205-213); e nós próprios vertemos o mesmo texto para português (*Biblos*, vol. 57, 1981, pp. 573-580).

⁽⁶⁾ Vide Elias Lipiner, *Two Portuguese Exiles in Castille: Dom David Negro and Dom Isaac Abravanel*, *ob. cit.*, pp. 46-79.

⁽⁷⁾ Elias Lipiner, nascido em 1916 na cidade de Khotin, na região da Bessarábia (território entre a Ucrânia, Rússia, Roménia e Moldávia), veio para o Brasil em 1935 e emigrou para Israel em 1968. Advogado de carreira e historiador por talento e dedicação, foi um dos mais férteis pesquisadores em torno da presença dos judeus em Portugal e, de certo modo, no Brasil. Aos 82 anos de idade, faleceu em Israel no dia 25 de Abril, deixando uma ampla obra em português, hebraico, inglês e yídiche.

Exiles in Castille⁽⁸⁾ de duas personalidades importantes da história judaica: David Negro⁸ ⁽⁹⁾e Isaac Abravanel

É bastante rica a documentação que apresenta, recolhida nos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo, sobre os judeus que viviam em Portugal e, em especial, sobre Isaac Abravanel. Alguns textos revelam o clima hostil que existia contra a gente hebraica e alguns exemplos reflectem os avultados bens de Isaac Abravanel. Vejamos alguns exemplos: D. Manuel dá ao Hospital de Todos os Santos a propriedade que Abravanel possuía em Queluz, 2 de Maio de 1503 (doc. 12); a sentença proferida por D. João II contra ele, 30 de Maio de 1485 (doc. 13 de 1485); D. Manuel ratifica a doação de D. João II, 24 de Junho de 1484, a Louenço Vaz, antes chamado Isaque, filho de Mose Latam, de algumas casas na judiaria que haviam pertencido a Isaac Abravanel (doc. 15); Lourenço Vaz renuncia às possessões que lhe foram dadas por D. João II e que tinham pertencido a Isaac Abravanel, 17 de Abril de 1499 (doc. 16); doação a Abraham Franco de todas as casas na antiga judiaria de Lisboa que tinham pertencido a Abravanel, 28 de Julho de 1484 (doc. 17); D. Afonso VI reconfirma a doação feita pelos seus predecessores das posses que tinham pertencido a Abavanel, 14 de Agosto de 1665 (doc. 18); D. Afonso VI doa a Jaco Beirã um dos lugares de Abravanel na sinagoga da Judiaria de Lisboa, 16 de Julho de 1484 (doc. 19); doação a Mestre Abraão, alfaiate do rei, de um dos lugares na *esnoga* de Lisboa que tinha pertencido a Abravanel, 10 de Junho de 1484 (doc. 20); doação ao alfaiate do rei Mousem Zarco de uma das cadeiras de seda na sinagoga de Lisboa que fora de Abravanel, por carta régia de 8 de Março de 1486

⁽⁸⁾ Esta obra foi dada à estampa em Jerusalém em 1997. No cap. I aborda a história dos judeus em Portugal, no cap. II trata de David Negro, um rabino na política e no cap. III de Isaac Abravanel - da conspiração à fuga para Castela. O epílogo, os documentos e os apêndices (os Arquivos Nacionais da Torre do Tombo e a historiografia judaica e a Grande Sinagoga de Lisboa), os textos seleccionados, urna bibliografia e os índices enriquecem este precioso trabalho.

⁽⁹⁾ David Negro foi conselheiro de D. Fernando e esteve envolvido na rebelião de 1383-1385. Juntamente com outro judeu, Judah, apoiou contra o Mestre de Aviz a causa de D.^a Beatriz. Os bens de David Negro foram atribuídos ao Santo Condestável Nuno Alvares Pereira. Quando o rei de Castela se retirou levou consigo David Negro e nomeou-o Rabino-chefe dos judeus do seu reino. Elias Lipiner fornece muitos elementos acerca deste caso, servindo-se de Fernão Lopes, de Fr. J. Pereira de Santa Ana, *Crónica dos Carmelitas*, Lisboa, 1745, etc.

(doc. 21); doação de 11 livros hebraicos que tinham pertencido a Abravanel ao nobre da casa real João Garcez, 30 de Dezembro de 1490 (doc. 22); ordem para confiscar a propriedade de Abraão Galafe de Estremoz que fugiu para Castela com Abravanel e que deve ficar a pertencer a Gaspar e Pero Jusarte, nobres da corte, 19 de Dezembro de 1456 (doc. 24); D. João II perdoa a Benvenida⁽¹⁰⁾ 11, viúva de Samuel Abravanel, e a seus filhos e concede-lhes a posse, antes de Samuel, irmão de Isaac Abravanel, 4 de Outubro de 1487 (doc. 25); D. João II perdoa a Juda Abravanel e a sua mulher Luna acusados de terem mandado correspondência e valores aos Abravanéis que se tinham refugiado em Castela, 4 de Outubro de 1487 (doc. 26); João II oferece a Lopo de Almeida o novo serviço dos Judeus da vila de Abrantes e arredores, 25 de Fevereiro de 1482 (doc. 25)⁽ⁿ⁾.

Lipiner apresenta outros textos importantes sobre os judeus residentes em Portugal: versos insultuosos de Álvaro de Brito Pestana contra os Abravanéis⁽¹²⁾ (doc. 6); uma carta a Isaac Abravanel isentando-o de usar

⁽¹⁰⁾ De Benvenida Abravanel falaremos mais adiante.

⁽¹¹⁾ Saul Gomes, in D. *Afonso V*, série Reis de Portugal, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006, p. 140, no cap. "O Estado, a Corte, os Súbditos", fala das Cortes de Lisboa de 1478 nas quais o monarca conseguiu convencer os três estados a contrair um novo empréstimo público no valor de 80 milhões de rs.: 60 do povo, 10 dos grandes e fidalgos, 4,5 do clero, 4.100.00 dos judeus, 1.200.000 da ilha da Madeira e 200.000 rs. das outras ilhas não entrando Cabo Verde. Foi o maior pedido da Idade Média Portuguesa. Para seu recebedor-mor foi nomeado Pêro Estaço, ao qual foi passada quitação em Coimbra, a 4 de Dezembro de 1489, sobre 24 milhões e 500.000 rs. e tal mil rs. que levantara, sendo 12 milhões de empréstimos de pessoas particulares, 10 milhões por conta do serviço outorgado dos 60 milhões, 1 conto e 600 e tal mil rs. das comunas judias e mouriscas do Reino e o restante de empréstimos miúdos. Abravanel figura como um dos principais prestamistas do reino, que eram judeus, indicando-o com 1.680 reais, ao lado de Guedelha Palaçano, "judeu mercador", com 1.905.615 reais e Mose Latam com 150.000 reais; outros houve com somas mais modestas. Também entraram alguns cristãos como Fernão Gomes da Mina com 900.000 rs. e Álvaro, filho do duque, com 600.00 rs, etc. Guedelha Palaçano, que foi rabi-mor no tempo do rei D. Afonso V, ocupou uma posição privilegiada no panorama político e cultural português do século XV, familiarizando-se com os textos clássicos e os valores do humanismo quatrocentista. Escreveu em Lisboa um tratado sobre a Providência Divina, mas a maior parte do seu trabalho foi desenvolvida após a saída do país, em 1483, acusado de participar na conjura para depor o rei D. João II.

⁽¹²⁾ *Cancioneiro Geral*, vol. I, Coimbra, 1910, pp. 226-229; *ibidem*, vol. I, p. 62: "Porque sem o sospirar - cuydar aues quee damores, - estes sam os de cuydar,

o distintivo judaico que D. Afonso V lhe concedeu a pedido de seu sobrinho, o conde e depois duque de Guimarães, 16 de Junho de 1664 (doc. 8); igualmente de D. Afonso V o privilégio de conduzir uma mula, estar em sítios cristãos e usar armas de qualquer género, 18 de Agosto de 1463 (doc. 9); também do mesmo monarca o privilégio de andar livremente por Lisboa fora da judiaria, 10 de Julho de 1472 (doc. 10); a confirmação alfonsina, 11 de Março de 1480, da doação a Isaac Abravanel da propriedade rústica de Queluz feita pelo duque de Bragança e sua mulher, 4 de Dezembro de 1478 (doc. 11).

2. As cartas de Isaac Abravanel escritas em Lisboa

Cedric Cohen Skalli publicou em 2007 o livro *Isaac Abravanel Letters*⁽¹³⁾ que recolhe quatro cartas de Isaac Abravanel: uma carta em português enviada por Isaac Abravanel a D. Afonso, conde de Faro, filho de D. Fernando, 1.º duque de Bragança, e de D.^a Joana de Castro, em que trata da morte do conde de Odemira, seu sogro (1470-1471), com tradução inglesa⁽¹⁴⁾; e três em hebraico também vertidas para inglês enviadas de

- sem o poderdes neguar - os mores oyto senhores. - Sera primeyro Latram, - o segundo Samuel. - o terceyro Salamam, - o quarto será Fayam, o quarto Abrauanel". *Vide* Aida Fernanda Dias, *Cancioneiro geral de Garcia de Resende*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 6 vols., 1990-2003 (vol. 1,1990; vol. 2, 1990; vol. 3,1993; vol. 4,1993; vol. 5: A temática, 1998; vol. 6: Dicionário (comum, onomástico e toponímico), 2003.

⁽¹³⁾ Além da edição das cartas e sua tradução apresenta uma excelente introdução em que trata da transmissão dos manuscritos portugueses e hebraicos das epístolas, do seu interesse histórico e conteúdo literário, das edições já realizadas e do presente livro. Como apêndices inclui uma carta do conselho de Santarém que contém o texto de uma carta de Yehuda Abravanel e de outro judeu castelhano dirigida ao rei D. Afonso V; o registo notarial do escravo mencionado por Abravanel na sua primeira carta; e o registo da conta de Isaac Abravanel e de Latam no banco de Francesco e Bernardo Cambini.

⁽¹⁴⁾ Encontrada por Carolina Michêlis de Vasconcelos na Biblioteca Pública de Évora, foi publicada em alemão por Jeanette Schwerin-Abarbanel, in *Magazin für die Wissenschaft des Judentums*, vol. XVIII, 1891, pp. 133-145, e de novo em português por Joaquim de Carvalho in *Revista de Estudos Hebraicos*, vol. 1, Lisboa 1928.

Lisboa a Yehiel de Pisa⁽¹⁵⁾ 16: a primeira de 5232 (1472), a segunda de 1481, e a terceira de 1482. A Portugal chama "terra de Luso."⁽¹⁶⁾ Pela leitura destas quatro cartas ficamos com uma ideia do estado social e político da época e da formação humanística e bíblica de Isaac Abravanel⁽¹⁷⁾ 18.

A carta ao conde de Faro revela o género literário humanístico da *consolatio*. Lembra Petrarca nos seus *Rerum Familiarium*, nos *Rerum Senilium* e no *De Remediis*^m. As obras de consolação de Cícero e de Séneca podem ter sido a fonte. A carta é dividida em três partes: *captatio benevolentiae*, cura consolatoria de estilo consolatório e retorno à vida pública em que cita Job, Aristóteles e Séneca. Citando Aristóteles escreve: "O filósofo diz que a República é como um corpo animado; e bem assim como a dor ou perda de um membro sente todo o corpo e padece por causa dele; e quanto o membro é mais nobre maior é a dor ou o perigo que de seu dano segue, assim o falecimento dos nobres que são os verdadeiros membros da terra a todos pertence sua dor e sentimento e todos recebem perda em seu falecimento". E impressionante o modo como fala do sofrimento e da morte, não faltando nunca a alusão aos textos da Bíblia

A primeira carta em hebraico a Yehiel de Pisa⁽¹⁹⁾ é dividida em seis partes: a reacção de Abravanel à notícia de Yehiel de que ameaçavam fechar os seus bancos de empréstimo de Florença; a libertação de Isaac dos judeus de Arzila; a missão diplomática de dois nobres portugueses, João Teixeira e Lopo de Almeida à corte do novo papa Sisto IV a favor

⁽¹⁵⁾ A proximidade social e cultural de Yehiel de Pisa e Isaac Abravanel é óbvia. Yehiel nasceu nos inícios do séc. XV e faleceu em 1490. Como Abravanel, também ele se evidenciou como banqueiro, cortesão, estudioso, mecenas e chefe da comunidade hebraica. Cultivaram uma estreita amizade. Vide Umberto Cassuto, "Sulla Famiglia Da Pisa", in *Revista Israelítica*, vol. 5, 1908, pp. 227-238; vol. 6, 1909, pp. 21-30, 102-113, 160-170; vol. 7, 1910, pp. 8-16, 73-86, 146-150.

⁽¹⁶⁾ Há quem veja na representação dum judeu com a Torah nos Painéis de S. Vicente a figura de Isaac Abravanel.

⁽¹⁷⁾ Sobre as quatro cartas do grande judeu lisboeta temos em preparação um estudo especial.

⁽¹⁸⁾ Vide George W. McClure, *Sorrow and Consolation in Italian Humanism*, Princeton, 1991.

⁽¹⁹⁾ Editada por Eliakim Carmoly, in *Ozar Hechmad*, vol. II, Viena, 1857, pp. 2b-4^a.

das comunidades judaicas de Portugal⁽²⁰⁾; o envio de manuscritos a Yehiel (a missão diplomática de João Teixeira incluía também o envio de manuscritos para Yehiel): "Uma pessoa da vossa grande estatura, vós pedistes que eu, vosso servo, enviasse a Vossa Excelência o comentário de *Ktuvim* do Rabino David Kimhi⁽²¹⁾ [...] e eu apresento-vos primeiro *A Coroa dos Anciãos* que escrevi, juntamente com o comentário ao Deuteronomio, que não está completo [...]. O comentário ao Deuteronomio ainda não está feito porque tenho estado muito pouco tempo por casa. As minhas viagens sempre surgiram como um redemoinho, levando-me para longe das portas do estudo [...]". No fim da vida uma das filhas de Yehiel apostatou tendo então Abravanel enviado uma carta de consolação a Yehiel lembrando-lhe que os ensinamentos dos rabinos dizem que a boa educação dada pelos pais não é garantia absoluta do sucesso dos filhos: no meio do trigo cresce também o joio.

A segunda carta trata da conversão ao cristianismo de Clemenza, a segunda filha de Yehiel, e do seu casamento. Está dividida em quatro partes: uma longa apologia de Abravanel pelo seu silêncio, com uma explicação, nomeadamente por causa de uma praga que atingiu Portugal e que o obrigou a fugir; uma consolação da conversão de Clemenza; a troca de manuscritos entre os dois amigos; uma bênção de Yehiel e, em especial, do seu filho Isaac.

⁽²⁰⁾ Vide Lopo de Almeida, *Cartas de Itália*, editadas por Rodrigues Lapa, Lisboa, Imprensa Nacional, 1935; Mário Brandão, D. *Lopo de Almeida e a Universidade*, Coimbra, Universidade, 1990. Célebre ficou a *Oração* de João Teixeira quando fizeram o conde dom Pedro de Meneses Marquês de Vila Real. Vide Os estudos de Américo da Costa Ramalho e de J. S. da Silva Dias sobre o humanismo em Portugal. A oração que foi recitada em 1489 e foi traduzida mais tarde (1562) para latim por Luís Teixeira, filho de João Teixeira. *Obra que contém hu[m]a Oração do Doutor Luys Teixeira fey ta qua[n]do fizerão o cõde dõ Pedro de Meneses, Marques de vila Real. E o treslado delia em português por o mestre Miguel Soares dirigida ao... senhor dõ Miguel de Meneses, IIII Marquês de vila Real, Conimbricæ, per Ioannem Aluarum, 1562 (13 Dezembro 1562).*

⁽²¹⁾ David Kimhi p nnp 717, também Kimchi ou Qimchi (1160-1235), e igualmente conhecido pelo acrónimo RaDaK (p"77), foi um rabino filósofo da Idade Média e célebre comentador da Bíblia hebraica.

Relativamente aos manuscritos escreve: "Meu pai, meu pai, os livros que enviei a Vossa Excelência, os escritos de Profitât Duran⁽²²⁾ e do Rabino Yosef ibn Shem Tov⁽²³⁾, que a sua memória seja bendita, eu peço o favor da vossa Honra, se vós já os copiastes e não precisais deles, entregai-os ao Doutor Gonçalo Mendes, meu amigo, que se encontra convosco na vossa terra, de forma que ele os traga a minha casa para que os possa ler no meu tempo livre, porque eu não tenho nenhuma cópia deles. E dos comentários do Rabino Immanuel⁽²⁴⁾, se vós tendes alguns na vossa biblioteca⁽²⁵⁾, especialmente do Pentateuco e dos Profetas, lembrai-vos da vossa palavra ao vosso servo, e assim procedereis de forma simpática e amigável comigo. Isto é Torah e pediram-nos para a aprender e nós pensamos acerca da retribuição a uma pessoa de mérito".

A terceira carta destina-se a consolar Yehiel pela morte de Ricca, sua mulher, e de novo pela conversão de Clemenza. A primeira parte fala da fuga de Abravanel, da epidemia ocorrida em Portugal por volta de 1480 e da nostalgia pelas cartas consolatorias do seu amigo; na segunda parte encontramos três discursos sobre a morte de Ricca e a conversão

⁽²²⁾ Profiat Duran (c. 1350-ca. 1415) imDnü), conhecido por Efodi ÓTIDNíl) e por Isaac ben Moses ha-Levi, notabilizou-se no séc. XIV como médico, filósofo, gramático e controversista. De Perpignan ou da Catalunha dirigiu-se à Alemanha e aqui dedicou-se primeiro ao Talmud e depois à filosofia e a outras ciências. Foi tutor da família Crescas e durante as perseguições de 1391 foi obrigado a baptizar-se. Abravanel refere-se várias vezes a Profitât Duran: *Perush al Neviim rishonim*, Jerusalém, 1645, 4, *ibidem*, 1979, 24, 289, 460. Alude a Yosef ibn Sjhém Tov, *Kavod Elohim: Perush al Neviim rishonim*, Jerusalém, 1965, 225.

⁽²³⁾ foseph ibn Shem-Tov (séc. XV) revelou-se um notável judeu sefardita e autor de várias obras. Nasceu em Castela e viveu em diversas cidades de Espanha: Medina del Campo de León (1441), Alcalá de Henares (1451) e Segóvia (1454).

⁽²⁴⁾ Immanuel de Roma ou Romano (Immanuel ben Solomon ben Moses ben lekhutiel) nasceu em Roma no séc. XIII. Viveu nesta cidade e ainda em Ancona, Perugia e Camerino. Escreveu vários comentários bíblicos e poemas sobre diversos temas. Participou em algumas controvérsias com cristãos. No seu *Perush ha-Torah* (Comentário ao Pentateuco), Immanuel, sob a influência do método hermenêutico de Abraham ibn Ezra, fornece cinco interpretações dos versículos: a versão aramaica, a análise gramatical, a interpretação literal, a interpretação filosófica e a explicação mística ou esotérica. Vide U. Cassuto, "Immanuel (ben Solomon) of Rome", in *Encyclopedia Judaica*, Jerusalém, vol. 8,1295-8.

⁽²⁵⁾ Para designar biblioteca Abravanel utiliza a expressão *beit midrash*.

de Clemenza: Abravanel insiste na necessidade de aceitar a morte como uma fatalidade, fala da morte como uma consequência do sofrimento dos judeus no exílio e, finalmente, aborda a recuperação do seu amigo depois de tão grandes sofrimentos. Nota-se que há semelhanças com a carta portuguesa. Na carta a Yehiel (4 de Outubro de 1482) fala do seu desespero face aos ataques movidos contra os Judeus.

3. Os Judeus em Portugal entre 1583 e 1497

Depois da morte de Afonso V (1481) teve de abandonar Portugal e seguir para Espanha por ter sido acusado da conspiração da Casa de Bragança contra João II (1483)⁽²⁶⁾. A expulsão definitiva dos judeus ocorreria em 1496⁽²⁷⁾. É contudo de salientar que de 1583 até à expulsão de D. Manuel a criatividade e o desenvolvimento cultural, económico e social dos judeus não diminuiu. Nesta área, devemos realçar o papel dos Hebreus no respeitante à tipografia: o primeiro livro impresso em Portugal foi o Pentateuco de 1487, em Faro, por Samuel Gacon⁽²⁸⁾. Também em Leiria e em Lisboa houve tipografias hebraicas. Destacaram-se entre nós os impressores Eliezer Toledano⁽²⁹⁾, Samuel Gacon, Samuel d'Ortas

⁽²⁶⁾ A sentença de morte de Isaac Abravanel foi ditada por João II na vila de Portel a 30 de Maio de 1485 (ANTT, Gaveta 2.ª, M/1, doc. 16).

⁽²⁷⁾ Em 5 de Dezembro de 1496, Dom Manuel assinou o decreto de expulsão dos hereges, concedendo-lhes prazo até 31 de Outubro de 1497 para deixarem Portugal. Aos judeus, o rei permitiu que optassem pela conversão ou desterro, esperando assim que muitos se baptizassem, ainda que apenas "pro forma".

⁽²⁸⁾ A Samuel Gacon se deve a edição do primeiro incunábulo português, uma impressão do Pentateuco, feita na sua oficina em Faro, em 1487. Vide Paulo Heitlinger, *Tipografia: origens, formas e uso das letras*, Lisboa, 2006.

⁽²⁹⁾ A oficina de Eliezer Toledano funcionou em Lisboa, produzindo, entre 1489 e 1492, pelo menos oito obras conhecidas em hebraico. Eliezer era natural de Toledo vindo a tornar-se um prototipógrafo judeu ainda em Espanha. Em 16 de Julho de 1489, imprimiu *Hiddushe ha-Torah* (as Novas da Lei ou Comentário ao Pentateuco), de Moses ben Nahman (1194-C.1270), que era um rabino catalão, também conhecido pelo nome latino de Namánides. É possível que tenha partido para Fez, e aí tenha prosseguido a sua actividade de impressor ou editor. Judah Gedaliah foi um tipógrafo judeu nascido em Lisboa; trabalhou na oficina de Eliezer Toledano até à expulsão dos judeus de Portugal em 1497.

e Abraão d'Ortas⁽³⁰⁾, nomes ligados aos primórdios da Imprensa em Portugal, tema a que Artur Anselmo tem dedicado alguns dos seus valiosos trabalhos⁽³¹⁾.

No campo artístico ficou a dever-se aos judeus o aperfeiçoamento da iluminura. Algumas escolas de copistas instaladas em Lisboa e nas principais cidades formaram grandes artistas que ilustraram algumas das obras de temática judaica e outros manuscritos importantes da época.

Entre os copistas mais importantes encontramos Samuel de Medina, Eleazar Gagosh e Samuel Musa Filho.

E já que falámos do importante papel que os judeus tiveram no campo da tipografia não resistimos a falar do seu contributo igualmente notável na área da medicina. A medicina portuguesa era praticada, em sua maior parte, por profissionais de origem judaica ou moura. Decretada a Inquisição em Portugal, sobreveio a decadência da Medicina lusa, com a emigração de seus melhores profissionais, o que veio abalar, sobremaneira, o renome da Medicina ibérica.

No vol. VIII (1481-1490) do *Chartularium Universitatis Portugalensis* encontramos os seguintes médicos judeus: Mestre Moussem Alfarim, cirurgião de Eivas (doc. 3129, p. 190, 1486. 7. 11); Mestre Salomão, cirurgião do Porto (doc. 3214, p. 267, 1487, 7. 11); Mestre Salomão do Rego, da Galiza, morador em Braga, cirurgião (doc. 3358, p. 391, 1490.

Depois foi para Salónica, onde fundou a primeira tipografia da cidade com o material que tinha trazido de Lisboa.

⁽³⁰⁾ Em Leiria trabalhava Samuel D'Ortas e os seus três filhos. Tinham imprimido nessa cidade dois livros em hebraico, *Provérbios com comentários*, em 1492, e os *Primeiros Profetas, com comentário*, em 1495. Foi na tipografia de Leiria de Abraão d'Ortas que Abraão Zacuto publicou em 1496 a obra *Almanach Perpetuum (ha-hibbur ha-gadol)* ou *Biur Luchot, Tabule tabularum celestium* (Explicações das Tábuas), que foram traduzidos do hebraico para o latim e para o castelhano pelo seu discípulo José Vizinho que era medico da corte de D. João II e astrónomo e foi discípulo de Zacuto, que era natural de Salamanca e veio a morrer na Turquia por volta de 1510.

⁽³¹⁾ *Les origines de l'imprimerie au Portugal*, pref. de José V. de Pina Martins, Braga, 1983; *Documentos para a historia da tipografia portuguesa nos séculos XV/, Venâncio Deslandes*, introd. de Artur Anselmo, Lisboa, 1988; *Os primeiros impressores que trabalharam em Portugal*, separata de *Revista da Biblioteca Nacional*, 2ª série, Lisboa, vol. 2(2), 1987; "Incunábulo português em latim: 1494-1500", Coimbra, 1980, pp. 167-196.

22. 5); Mestre Salomão Adida, cirurgião judeu da Guarda (doc 3367, p. 397,1490. 25.); e Mestre Josepe Maçoz (doc. 3872, p. 401,1490. 22. 7).

E no vol. IX (1491-1500) temos uma carta de D. João II concedendo autorização para Mestre Lenhoso Benazo, judeu, praticar medicina, visto ter sido examinado pelo Dr. Mestre António, físico-mor e cirurgião (doc. 3425, p. 37,1491.1. 9); Yuda Negro, judeu mercador num escambo com a Câmara de Lisboa (doc. 3489, p. 59,1492.22.3); Salomão Celbehme, rabino, numa carta de D. Manuel que lhe concedeu a prática da "Tísica" (doc. 3604, p. 190,1496. 25. 1).

Outros médicos famosos de origem judaica foram Garcia de Orta, João Rodrigues Castelo Branco (*Amatus Lusitanus*), Daniel Fonseca, Judah Abravanel, Filoteu Montalto, Jacob Mantinho, Rodrigues da Fonseca, Fabrísio de Água Pendente, Rodrigo de Castro e Fernando Mendes, entre tantos outros.

Em 25 de Outubro de 1448, por decreto do Rei D. Afonso V, Portugal regulamentou o exercício da medicina e, ao mesmo tempo, criou a autoridade fiscalizadora. A lei intitulada "Regimento do Cirurgião-Mor dos Exércitos" continuava em vigor, na época do descobrimento do Brasil e no início da nossa colonização.

4. Em Espanha

Ao deixar Lisboa e depois Toledo deixou as suas importantes bibliotecas cujo paradeiro se desconhece. Mendes dos Remédios diz que a Bíblia Hebraica existente na BGUC teria pertencido a Isaac Abravanel⁽³²⁾. Na nova pátria viria a ganhar as graças de Fernando e Isabel e foi nomeado tesoureiro-mor como já havia acontecido em Portugal.

Na introdução aos Primeiros Profetas escreve: "Fui chamado ao mais poderoso soberano, o rei de Espanha, que dominava sobre Castela, Aragão, Catalunha, Sicília e outras ilhas. Vim para a corte do rei e da rainha, e Deus permitiu-me encontrar favor a seus olhos e aos olhos dos nobres que tinham o mais elevado lugar no conselho". Notam-se algumas semelhanças com Tostado na corte de João II de Castela.

⁽³²⁾ Vide Mendes dos Remédios, *Uma bíblia hebraica da Bibliotheca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.

Apesar de tentativas para que ficasse em Espanha, preferiu seguir para Itália. A sua fortuna foi confiscada por decreto real. Em Toledo dedicou-se com denodo aos estudos bíblicos. Ele e Abraão Senior de Segóvia concederam avultadas somas à coroa. Aquele viria a converter-se ao cristianismo com o nome de Ferrad (Fernando) Perez Coronel⁽³³⁾, mas Abravanel manteve-se fiel à sua crença mosaica como sucedeu com tantos hebreus que expulsos da Península preferiram a saída à permanência em solo luso-espanhol que lhes era oferecida mediante a conversão. Muitos irmãos seus assim procederam e daí resultou o fenómeno dos cristãos-novos. Em vão Abraão Senior ofereceu-lhe 30.000 ducados para que permanecesse em Espanha.

5. Em Itália

Em Nápoles entrou logo ao serviço do rei. Viveu em paz durante algum tempo mas quando a cidade foi tomada pelos franceses, despojado dos seus bens, seguiu o jovem monarca Fernando, em 1495, que lhe confiou a tesouraria-mor de Messina; dirigiu-se depois a Corfu e em 1496 estabeleceu-se em Monopoli⁽³⁴⁾, e finalmente, (1503) em Veneza.

03) Abraham Senior, natural de Segóvia, foi um rabino de Castela e cobrador régio de impostos do séc. XV. Possuidor de abastada fortuna, inteligência e ligado à alta aristocracia, apoiou bastante os reis Fernando e Isabel a quem prestou enorme favores e dos quais recebeu muitas benesses. Senior Recebeu uma pensão de 100.000 maravedis. Como "rabino da corte", foi encarregado dos assuntos fiscais. As cortes de Toledo de 1480 atribuíram-lhe 50.000 maravedis das colectas feitas pela sua agência. Associou-se a Isaac Abravanel de quem se tornou grande amigo e com ele colaborou nas tarefas oficiais. Senior prestou ao exército espanhol relevantes serviços aquando da conquista de Granada aos mouros. Empenhou-se bastante, juntamente com Isaac Abravanel, para evitar a expulsão dos judeus de Espanha. Com o decreto de 31 de Março de 1492. Mas revelou-se fraco e a 15 de Junho de 1492 pediu o baptismo para si e seus irmãos, que teve lugar em Valladolid na presença do rei, da rainha, e do primaz das Espanhas. Passou a chamar-se "Ferrad [Fernando] Perez Coronel". O Rabino David Messer Leon refere-se-lhe num seu comentário dizendo: "a quem faltou discernimento e temor de Deus" (*kemo shehokiah sofo 'al tehilató*).

⁽³⁴⁾ Monopoli é uma comuna italiana da região da Puglia, província de Bari, com cerca de 48.855 habitantes. Estende-se por uma área de 156 km², tendo uma densidade populacional de 313 hab/km². Faz fronteira com Conversano.

Não demorou muito que os governantes de Veneza o convidassem para o Conselho de Estado, e Abravanel tornou-se um dos estadistas mais importantes da República Veneziana. Aqui foi encarregado de negociar um tratado comercial entre Portugal e a República de Veneza⁽³⁵⁾. Nesta cidade manteve uma actividade económica intensa com o nosso país na defesa dos interesses de Veneza.

Dos três filhos de Isaac, todos nascidos em Lisboa, José, Judah e Samuel, o mais conhecido é Judah, o célebre Leão Hebreu (1464-1535), que tendo também nascido em Lisboa acompanhou o pai nas suas digressões por terras de Espanha e Itália⁽³⁶⁾. Os *Diálogos de Amor*, obra impressa em

⁽³⁵⁾ Jerónimo Zurita, 1512-1580, *Historia del rey don Fernando el Católico: de las empresas, y ligas de Italia*, edição electrónica de José Javier Iso (coord.), Pilar Rivero e Julián Pelegrín, Zaragoza, Institución "Fernando el Católico", 2006.

⁽³⁶⁾ Judah Leon Abravanel (1464-1535), também conhecido como Leão Hebreu e como Yehuda ben Yitzhak Abravanel (ִּיהוּדָה בֶּן יִצְחָק אַבְרָבָנֵל) foi um médico, filósofo e poeta, um judeu português nascido em Lisboa, filho de Isaac Abravanel, que acompanhou na sua fuga. Faleceu em Veneza. Durante a sua estada em Espanha, foi médico do capitão-general Gonçalvo de Córdoba. Acompanhou o pai na sua fuga posterior para Nápoles. Em 1503 escreveu de Génova um belíssimo poema dirigido a seu filho em que a certa altura diz: "A tua imagem está gravada no meu coração e é no meu coração que está também traçado o teu afastamento. E mais do que ela me reanima, a tua imagem ausente aflige-me. A tua separação confunde os meus projectos; o teu exílio impede e torna tortuosos os meus caminhos. É por tua causa que a minha alma foi abatida e o meu orgulho foi humilhado. A ponto que os sicómoros se levantam acima do meu cipreste e que o arbusto do hissopo pareça mais alto que os meus cedros. Que o morcego ultrapasse o meu abutre e que a mosca voe por cima das asas da minha águia" (Fragmento de um poema escrito em Itália, em 1503, dedicado ao filho do autor, Isaac, de 12 anos, que ficara em Lisboa e fora convertido à força ao catolicismo. Escrito originalmente em hebraico, a tradução para o português é citada por Fiamá Hasse Pais Brandão num artigo do *Jornal de Letras* de 26 de Maio de 1981; foi publicado por Nuno Guerreiro Josué em 16 de Abril de 2004 in *Judeus Portugueses, Poesia & Literatura e Geral*. (Tradução inglesa). Escreveu uma obra astronómica a pedido de Pico de la Mirándola, que, no entanto, não foi publicada. A obra mais célebre de Judah ben Isaac Abravanel, *Dialoghi d'amore di maestro Leone medico hebreo*, Roma, per Antonio Blado d'Assola, 1535. A 1.ª edição Aldina foi impressa em 1541. Entre nós Giacinto Manuppella, antigo professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, procedeu a uma excelente edição em dois volumes acompanhada de uma introdução e notas, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983; vol. I: Texto

Roma em 1535 na casa de Antonio Blado d'Assola, imortalizaram para sempre o nome de Leão Hebreu.

Quando Abravanel chegou a Itália encontrou aí uma Renascença florescente e o humanismo apresentando vigorosos sinais de vitalidade. Os papas e os mecenas apoiavam largamente os autores e as suas realizações. Os sonhos do Renascimento, a nova concepção do indivíduo e da liberdade, a educação, a pujança dos diversos saberes, as tentativas de reforma da Igreja, etc. etc., eis o mundo que se abria diante dos olhos de Isaac Abravanel. Humanistas famosos como Ângelo Poliziano, Gianozzo Manetti, Marsílio Ficino, Erasmo de Roterdão, Pico de la Mirándola, Thomas Morus, Andrea Alciati e tantos outros deslumbravam o mundo intelectual de então.

Por outro lado, é de recordar a intensa actividade financeira que certas cidades italianas desenvolviam e em que os judeus participavam activamente: Florença, Génova, Veneza, Ferrara, Perugia, Bolonha, Pádua, Mântua, Ancona. O crescimento urbano era grande e havia a interdição teológica de os cristãos aplicarem os juros nos empréstimos que faziam com a relativa disponibilidade dos judeus em praticar essa actividade.

Na Itália, em Ferrara, na tipografia de Abraham Usque (Duarte Pinei) foi impressa em 1553 a obra de Samuel Usque, *Consolaçam as Tribulacoens*

italiano, note, documenti; II: Versão Portuguesa. Vide Santino Caramella, *Dialoghi d'amore*, Bari, 1929; Leone Ebreo, *The Philosophy of Love*, trad, por F. Friedeberg-Seeley e Jean H. Barnes, Londres, 1937; Seymour Feldman, *Philosophy in a Time of Crisis: Don Isaac Abravanel: Defender of the Faith*, Nova Iorque, 2003; Carl Gebhardt (e), *Hebräische Gedichte by Leone Ebreo*, Londres, 1929; Thomas Gilbhard, "Bibliografia degli studi su Leone Hebreo (Jehudah Abravanel)", *Accademia. Revue de la Société Marsile Ficin*, vol. VI, 2004, pp. 113-134; Otis Green, *España y la tradición occidental*, vol. I, Madrid, 1969; León Hebreo, *Diálogos de amor*, trad, de Garcilaso de la Vega, El Inca, México, 1985; Marcelino Menéndez Pelayo, "Introduction". *Diálogos de amor*, trad, de Garcilaso de la Vega, El Inca, México, 1985; José V. de Pina Martins, *Livros quinhentistas sobre o amor*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969; Manuel Augusto Rodrigues, *A obra poética de Leão Hebreu: texto hebraico com versão e notas explicativas*, Coimbra, Fac. de Letras, 1982; Cecil Roth, *Introduction. The Philosophy of Love (Dialoghi d'Amore)*. By Leone Ebreo, trad, de F. Friedeberg-Seeley e Jean H. Barnes, Londres, 1937; Isiah Sonne, *Intorno alia vita di Leone Ebreo*, Florença, 1934; Andrés Soria Olmedo, *Los Dialoghi D'Amore de León Hebreo: Aspectos Literarios y Culturales*, Granada, 1984.

de Ysrael que foi dedicada a D.^a Gracia Mendes Nasi bem como a célebre Bíblia de Ferrara. A marca da tipografia de Abraham Usque é um astrolábio com uma frase em hebraico do Salmo 130, 5: *יְהוָה שָׁמַר אֶת-נַפְשִׁי מִיָּד מוֹתָוִת* (”Sustinui te Domine, sustinuit anima mea in verbo eius”). Foi reeditado por Yosef Hayim Yerushalmi e J. V. de Pina Martins, Lisboa, 1989.

Outra importante obra saída dos prelos da tipografia de Usque é a *Bíblia de Ferrara* em ladino para os judeus sefarditas que foi publicada *in folio* em Ferrara em 1553 que se destinava essencialmente aos judeus expulsos da Península Ibérica⁽³⁷⁾.

A *Menina e Moça*, romance de Bernardim Ribeiro, foi editada por três vezes no séc. XVI: 1554 (Ferrara, com o título História de Menina e Moça), 1557-58 (Évora, com o título Saudades) e 1559 (Colónia, a partir da 1.^a edição), incluindo a 2.^a edição um prolongamento, que se costuma aceitar como sendo do autor, até ao cap. XXIV.

Falámos atrás de Gracia Nasi que é um nome arcaico português e espanhol para o hebraico *Hannah* (que significa Graça), também conhecida pelo seu nome cristianizado Beatriz de Luna (1510-1569)⁽³⁸⁾. Era "A señora, a dama, *Ha-geveret* em hebraico". Nascida em Lisboa, ao 18 anos casou com Francisco Mendes, outro marrano que, juntamente com seu irmão Diogo Mendes liderava um império de comércio de

⁽³⁷⁾ Conhecida por Bíblia de Ferrara, esta edição tornou-se rara, sendo em 1630 feita outra nos Países Baixos. As duas cópias da edição foram dedicadas a Ercole de Este, duque de Ferrara, e a Gracia Mendes. A Bíblia de Ferrara foi reeditada em Madrid, em 2004.

⁽³⁸⁾ Vide Beki L. Bahar, *Doña Grada Nasi pièce en deux actes*, trad, de Eli Elkabes, Istanbul, 2001; Andrée Aelion Brooks, *The woman who defied kings I the life and times of Doña Gracia Nasi. A Jewish leader during the Renaissance*, 2002; Daniel Dratwa, *De Gracia Nasi à Nico Gunzburg: ombres et lumières du Judaïsme anversois*, Bruxelles, 1993; Alice Fernand-Halphen, *Une grande dame juive de la Renaissance: Gracia Mendesia-Nasi*, 1929; Edgarda Ferri, *Doña Gracia: banquière des rois*, Paris, 2003; Gerda Hoffer, *Zeit der Heldinnen: Lebensbilder aussergewöhnlicher jüdischer Frauen*, Munique, 1999; Gad Nasi, *Doña Gracia Nasi/pot Dr. Gad Nasi y Rebecca Toweg*, trad, de Ety Hoter, Telavive, Organización Internacional de Mujeres Sionistas. Departamento de Educación, 1991; Cecil Roth, *House of Nasi: Doña Gracia of the House of Nasi*, Filadélfia, 1977. Recentemente, Esther Muaznik publicou *Gracia Nasi. A judia portuguesa do século XVI que desafiou o seu próprio destino*, Lisboa, 2010.

pedras preciosas e especiarias, além de bancos em vários países da Europa. Intensa foi a sua actividade em Antuérpia, Ferrara, Veneza e Constantinopla. Do casal nasceu uma filha chamada Brianda que, mais tarde, se tornou conhecida como Reyna. Francisco Mendes morre em 1537, ficando a viúva e a filha à frente de uma imensa fortuna: o império dos Mendes. Era tia do grande banqueiro Joseph Nasi, que se tornou uma figura proeminente do Império Otomano. Como mecenas, de referir que ele promoveu as letras e ajudou a construir sinagogas, escolas e hospitais.

Dona Gracia Nasi é considerada a heroína por excelência do judaísmo, em geral, e do judaísmo sefardita, em particular. Beatriz e sua família permaneceram em Antuérpia e, em 1544, o palácio de Beatriz na cidade foi encontrado totalmente abandonado. Sem avisar ninguém, levando apenas suas joias e pertencas pessoais, partiu com a família para Veneza e daqui para Ferrara, deixando tudo aos cuidados de seu sobrinho João Miquez (José Nasi), e mudou-se mais tarde para Constantinopla, onde se tornou uma das maiores empresárias no comércio marítimo. Em pouco tempo, Gracia Mendes tornou-se uma proeminente personalidade judaica e a maior patrocinadora dos estudos judaicos da sua comunidade. Como diz o Livro dos Provérbios: ela abre a sua palma para os pobres e estende suas mãos para os despojados alimentando todos os dias cerca de oitenta pobres na sua própria residência.

Outra mulher judia de grande prestígio foi Benvenida Abravanel, filha de Jacob Abravanel (morto em 1528), que era um dos irmãos de Abravanel, sobrinha por isso do famoso Isaac Abravanel. O filho mais novo de Isaac, Samuel (1473-1547), casou com Benvenida, ou seja, esta desposou o seu primeiro primo e era ao mesmo tempo sobrinha e nora de Isaac Abravanel. Por volta de 1492, Benvenida e grande parte da sua família, depois de uma estada em Portugal, instalou-se em Nápoles, onde seu pai e depois seu marido se tornaram os chefes da comunidade judaica. Esta mulher possuía um elevado grau de erudição a ponto de ser nomeada pelo vice-rei de Nápoles, D. Pedro de Toledo, como preceptora de sua filha Eleonora, futura grã-duquesa da Toscana. Para além disto, promovia verdadeiramente a actividade cultural: "Estudiosos hebreus, cristãos-novos e cristãos (entenda-se católicos) reuniam-se em casa de Benvenida para discutirem e interpretarem as Sagradas Escrituras, assim como para serem iniciados na doutrina e nas práticas místicas e esotéricas da Cabala [...]".

6. O pensamento de Isaac Abravanel

Benzio Netanyahu na sua obra sobre Dom Isaac Abravanel dá-nos uma resenha bem fundamentada de que aqui procuramos fornecer uma síntese. A cosmovisão de Isaac Abravanel estende-se à revelação, à criação, ao cosmos e ao homem. É uma visão baseada no primado da fé, na revelação e na vontade divina, princípios que estavam em contradição com certas ideias do tempo. Nicolau de Cusa e depois Copérnico defendiam que o cosmos não era o centro do universo. Por outro lado, Abravanel pensava segundo esquemas medievais quando enaltece o "homo religiosus" de Halevi⁽³⁹⁾, isto numa altura quando a ciência e a filosofia modernas apontavam para uma concepção secular, materialista e cismundana. A astrologia mantinha o seu peso, passe embora a obra de Pico de la Mirándola, *Disputationes adversus astrologiam* de 1495. Outros autores como Regiomontanus, Paracelso e Marsílio Ficino aceitavam outras forças da natureza que orientavam a vida do homem. Como escreve Netanyahu, a posição abravaneliana representa uma rebelião contra o espírito do Renascimento e uma tentativa de ressuscitar o espírito medieval. A sua visão da história assemelha-se à dos místicos, como a de Eckart e outros. Enquanto Maimónides concebia a história como uma linha recta com princípio mas sem fim e Aristóteles como não tendo nem princípio nem fim, Abravanel adoptava a tese circular: tudo vem de Deus e tudo volta para Deus. Por outro lado, a humanidade na sua parte final entra em decadência e aguarda uma regeneração que só a vinda do Messias pode garantir.

⁽³⁹⁾ Judah Halevi (também Yehuda Halevi: **u5n** HTirP; ca. 1075-1141), médico judeu de Espanha e filósofo, nasceu em Toledo ou Tudela em 1075 ou 1086, e faleceu pouco depois de chegar à Terra de Israel, em 1141. Revelou-se poeta exímio e alguns dos seus textos foram aproveitados para a liturgia. A sua obra maior é O *Kuzari*. Na filosofia pode comparar-se ao árabe Ghazali. Halevy tentou libertar a religião da ligação a vários sistemas filosóficos seguidos por alguns seus predecessores, Saadia, David ben Marwan al-Mekamez, Gabirol e Bahya. Num livro escrito em árabe intitulado *Kitab al-Hujjah wal-Dalil fi Nusr al-Din al-Dhalil*, JjiãJI jjiaJI ji j JjiãJI g זזזל conhecido na versão hebraica de Judah ibn Tibbon com o título de *Sefer ha-Kuzari*, Judah ha-Levi expõe os seus pontos de vista acerca dos ensinamentos do judaísmo. Nele se opõe frontalmente aos ataques dos filósofos não judeus, aos Karaitas e aos hereges.

Relativamente às suas ideias políticas constatamos que tinha uma concepção ideal em que Veneza surgia como modelo com a sua Monarquia e a sua tradição política. Defendia os direitos divinos dos reis apontando a teocracia como a resposta. E certo que se deve atender ao governo humano, ao espiritual e ao divino. Mas via aí antagonismos e rivalidades. Não atribuía valor ao poder humano. Israel ao nomear um rei rejeitou Deus, o único, o único rei de Israel, país que se distingue das outras nações. "O crime de Israel foi a rejeição do reino divino e o estabelecimento de um reino humano em seu lugar" (*Com. Deut.* 8, 4).

O profetismo aparece como o verdadeiro poder divino. Moisés como profeta foi o primeiro rei de Israel, cabeça do governo humano e do divino. Era uma teocracia e não uma democracia. David e Salomão eram também profetas. Pode considerar-se Abravanel como um teórico religioso revolucionário semelhante a Savonarola⁽⁴⁰⁾. Vislumbravam a

(40) Girolamo Savonarola (Ferrara, 1452-1498), frade dominicano que pregou em Bolonha e Florença, exortou à penitência esta última cidade como sendo outra Ninive e anunciou a vinda a Itália de um novo Ciro dos tempos modernos: Carlos VIII (1494). Cristo foi proclamado "rei de Florença" e Savonarola foi durante quatro anos o guia espiritual mais do que político da cidade. Botticelli e Pico de la Mirándola admiraram-se com a sua pregação. Houve profundas alterações políticas no governo da cidade e ele pregou contra a vida pagã de então com base no Apocalipse e propôs a reforma interna do seu mosteiro e a vida moral regenerada. O reformador atacou violentamente o papa Alexandre VI e foi chamado a Roma, mas não obedeceu. Tendo sido convocado um concílio geral, o papa lançou um interdito sobre Florença. Em novos sermões atacou violentamente os crimes do Vaticano, que aumentaram desse modo as paixões em Florença. Um cisma começou a prefigurar-se e o papa foi forçado outra vez a agir. Mesmo assim, Savonarola prosseguiu com as suas pregações cada vez mais violentas contra a Igreja de Roma, recusando-se a obedecer às ordens recebidas. Em 12 de Maio de 1497, foi excomungado terminando por ser preso por ordem papal e condenado à morte em 1498. Foi torturado e, em 25 de Maio, morreu queimado em praça pública (Piazza della Signoria) em Florença juntamente com Fra Silvestro e Fra Domenico da Pescia. - Entre os seus escritos, estão o *Triumphus Crucis de fidei veritate* (Florença, 1497); *Compendium revelationum* (Florença, 1495), o seu principal trabalho que é uma apologia do cristianismo; *Dialogo della verità* (1497); *Scelta di prediche e scritti*, (Florença, 1898); *Trattato circa il Reggimento di Firenze*, (Florença, 1848); as suas cartas foram publicadas em *Archivio storico italiano* (1850) e os seus poemas em Florença (1847). - Vide R. Klein, *Le procès de Savonarole*, Paris, 1957; Mathias Mayes, *Die politische Théologie Girolamo Savonarolas: Studien zur Rezeptionsgeschichte und*

perfeita ordem humana como uma teocracia em que Deus era o rei e a sua lei a regra suprema, embora Savonarola admitisse a disputa entre os estados. A monarquia era vista como efeito do mal. Isaac, mais forte do que Maimónides, acentua o carácter teocrático do estado judaico. Em Israel só Deus é rei que domina com a sua Lei, o que vale a dizer que os outros povos é que precisam de rei. Foi o mal que provocou a criação dos reis, o que é contra Aristóteles. Abravanel dá os exemplos de Veneza e Florença com os seus príncipes que eram eleitos, emergiam da sociedade como coisa natural.

A concepção de Estado de Abravanel é influenciada pela sua teologia da história que incluiu os seguintes pontos: a ordem estatal e o pecado de Adão; a natureza humana corrupta; o povo hebraico eleito; os outros povos regidos pelos anjos e o de Israel pelo próprio Deus; o mal é que Israel não obedeceu à lei de Moisés; o castigo foi a dispersão por toda a parte; mas vai terminar; o fim dos tempos será entre 1503 e 1571; haverá lutas terríveis no futuro; as dez tribos do Norte emergem e lutam contra os reinos cristãos da Europa que só podem vencer com a ajuda dos Muçulmanos que ocuparão Roma e Itália e então o Messias aparece e derrota os crente de Allah; os Judeus voltarão para Jerusalém, e haverá a ressurreição dos mortos; o Messias reinará sobre todos os povos a partir de Jerusalém; o cosmos desaparece e dá-se a espiritualização dos corpos e das formas.

Quanto ao Messianismo ele era o princípio unificador dos seus pensamentos, um tema caro aos judeus e aos cristãos. Mas com diferenças entre o messianismo judaico e o cristão, pois este com a aceitação de Cristo como o Messias prometido opunha-se ao verdadeiro messianismo. Remando contra as ideias do tempo, Abravanel defendia que as profecias ainda não se tinham cumprido e via aqui e além sinais da vinda futura do Messias. A reunião dos judeus na Terra de Israel seria o sinal mais forte dessa ideia. Em *As Fontes da Salvação* fala do 5.º império servindo-se

zum aktuellen Verstandnis, Tübingen-Basileia, 2001; *O Florenz! O Rom! O Italien! Predigten, Schriften, Briefe*, trad. do latim e do italiano com um comentário de Jacques Laager, Zurique, 2002; *Selected writings of Girolamo Savonarola, religion and politics, 1490-1498*, Yale University Press, 2006; Denis Forasacco, *Girolamo Savonarola in der deutschen Dichtung um 1900: zwischen fiktivem Archetypus und Projektionsfigur der Krise*, Hamburg, 2008.

dos cinco reinos mencionados por Daniel (7, 2-14)⁽⁴¹⁾. Agora Roma reina por meio do Cristo, mas o centro autêntico do mundo será em Jerusalém.

Como síntese, podemos dizer que nos escritos de Abravanel há uma grande unidade e consistência de ideias. Benzio Netanyahu salienta que a unidade se traduz no respeito à síntese da sua doutrina. Encontramos dados de pensadores anteriores: da literatura grega e da romana clássica, dos Padres da Igreja, da escolástica, da literatura judaica antiga e medieval. Mas ele soube acrescentar outros elementos e fundir o todo, realizando como que um material de construção. O edifício é seu, todo virado contra o pensamento anti-racionalista e materialista da Renascença. O fundo é escolástico e não renascentista, o dogma religioso prevalece, o misticismo aparece como a perspectivação do futuro.

As semelhanças com Savonarola aplicam-se igualmente à reforma que urge incrementar; e a salvação de Israel não se processa apenas pela regeneração, mas pela vinda do Messias. Para ambos o reino está próximo; Jesus anunciou que o dia do Senhor está próximo, Maomé falou do dia iminente do Juízo. Marx em 1847 deu origem à revolução socialista e Teodoro Herzl em 1902 preconizava um estado judaico para os judeus que se estabeleceriam em 1922⁽⁴²⁾. No fundo, é sempre a mesma ideia da proximidade da salvação. Simon Duran⁽⁴³⁾ na primeira metade do século XV falava da vinda do Messias em 1850 e Nicolau de Cusa previu o fim do mundo para 1734. A visão apocalíptica de Abravanel transparece como mais forte do que todas as outras, em especial do que a de Savonarola. Como escreve Netanyahu, as suas ideias serviram para lançar o movimento messiânico mais vigoroso da história judaica. Também Salomon ibn Verga⁽⁴⁴⁾ fala da provação divina: "*Viel tust Du,*

(41) O Padre António Vieira, mais tarde, preconizou para Portugal o 5.º império.

(42) A independência de Israel teve lugar em 1948.

(43) Solomon ben Simon Duran (ca. 1400-1467)

יְשׁוּעָה בֶּן שִׁמְעוֹן דּוּרָן

conhecido por Rashbash, foi um rabino medieval que se manifestou bastante crítico para com certos pontos de vista da Cabala. Era filho de Simon ben Zemah Duran.

(44) Solomon Ibn Verga (ou Salomon ben Verga, séc. XV-XVI) (ר' שלמה בן יצחק)

foi um historiador e médico espanhol. Foi enviado pelas comunidades espanholas para recolher dinheiro para a libertação de prisioneiros de Málaga. Viveu também em Lisboa como marrano e foi testemunha do massacre de 1506. Vide F. Cantera, *Schébet Jehuda* (A vara de Judah) de Salomon ben Verga, in *Revista del Centro de Estudios Históricos de Granada y su Reino*, vol. 13/14,1924, pp. 83-296; vol. 15,1925,

dass ich Dich verlasse. Aber wisse, Dir zum Trotze bleibe ich bei Dir" (Shevet jehuda, c. 32 e 35).

Abravanel teve grandes admiradores como Hugo Grotius⁽⁴⁵⁾, R. Simon⁽⁴⁶⁾, Johann Buxtorf Júnior⁽⁴⁷⁾, Pierre Bayle⁽⁴⁸⁾ e Adrian Reland⁽⁴⁹⁾. Mas também teve adversários como Calvino, Alting, Buddaeus, Carpzov II e Daniel Huet. A razão da importância de Abravanel, que foi superior à de Ibn Ezra⁽⁵⁰⁾ e de Maimônides, baseia-se em factores vários: diversas correntes de pensamento, como o humanismo e a renascença, criaram condições novas de julgar e de compreender a realidade; tinha-se dado a Reforma por meio da Bíblia e dera-se uma importância singular à Sagrada Escritura; além disso, devido à fusão da história, da mística, do classicismo e da ideologia política, a mentalidade dos melhores pensadores sofrera uma profunda alteração.

Isaac Abravanel abriu novos caminhos nos campos da filosofia, da crítica, da história, da exegese bíblica, do misticismo e na concepção geral do judaísmo. Quando os ataques ao cristianismo começaram a revelar-se com maior vigor e o dogma cristão a ser posto em causa com a Reforma, o pensamento bíblico de Abravanel surge como suporte de

pp. 1-74; reed., Granada, 1927; Sina Rauschenbach (ed.), *Shevet Jehuda. Ein Buch über das Leiden des jüdischen Volkes im Exil In der Übersetzung von Meir Wiener. Herausgegeben, eingeleitet und mit einem Nachwort zur Geschichtsdeutung Salomon Ibn Vergas*, Berlim, 2006.

⁽⁴⁵⁾ Hugo Grotius mostra conhecer as ideias políticas de Isaac e cita-o no seu *De jure belli ac pads*, liv. I, cap. I, & 6.

⁽⁴⁶⁾ Vide *Histoire critique du vieux testament*, Roterdão, 1685, liv. I, cap. II, pp. 18-20. Richard Simon disse que entre todos os sábios judeus, Abravanel é o comentador "do qual mais se pode aproveitar para a inteligência da Bíblia".

⁽⁴⁷⁾ Buxtof, embora discordasse de muitas coisas, contudo acabou por ser um dos seus maiores admiradores, como se pode ver pelas muitas traduções que fez dos seus livros. Vide nota 54.

⁽⁴⁸⁾ Bayle fala de Abravanel em termos muito elogiosos no seu *Dictionnaire historique et critique*, 1696.

⁽⁴⁹⁾ Reland na sua *Analecta Rabbinnica* também enaltece Isaac Abravanel.

⁽⁵⁰⁾ Rabbi Abraham ben Meir ibn Ezra (Nliy) 2H DTVON ou também conhecido por Abenezra, nasceu em Tudela (Espanha) em 1089 e morreu por volta de 1164. Evidenciou-se como um dos hebreus mais distintos da Idade Média. A sua obra literária e científica é muito vasta e valiosa distribuindo-se pelas áreas da filosofia, astronomia, astrologia, poesia, linguística e exegese. Foi-lhe dado o epíteto de "O Sábio, O Grande e o Doutor Admirável".

defesa. O pietismo e os autores Menasseh ben Israel⁽⁵¹⁾, Del Medigo⁽⁵²⁾ e Luzatto⁽⁵³⁾ (que viu a verdadeira grandeza de Isaac no facto de ele ter libertado o pensamento judaico das garras de Aristóteles) e outros mais muito beneficiaram do seu pensamento, nomeadamente no que concerne ao messianismo, que, segundo Netanahyu considera como o seu principal contributo. Se Abravanel contou com pouca influência nos protestantes (Calvino atacou-o em Daniel), já os ultraortodoxos antigos protestantes o aceitaram e seguiram como Buxtorf o Jovem⁽⁵⁴⁾, Carpzow o Jovem e Buddaeus.

⁽⁵¹⁾ Menasseh ben Israel, nascido em 1604 na Madeira com o nome de Manuel Dias Soeiro, faleceu em Middelburg, Países Baixos, a 20 de Novembro de 1657. Revelou-se um notável intelectual, fundou a primeira impressora portuguesa em Amsterdão e foi líder religioso da comunidade judaica dessa cidade. Foi o primeiro rabino português formado em Amsterdão. Criou a moderna comunidade judaica na Inglaterra.

⁽⁵²⁾ Elias del Medigo (também chamado Elijah Delmedigo ou Elias ben Moise del Medigo e algumas vezes Helias Hebreus Cretensis) (ca. 1458-ca. 1493) nasceu em Cândia, ilha de Creta que naquele tempo estava dependente da República de Veneza. Tinha emigrado com a família da sua terra natal na Alemanha tendo passado alguns anos em Roma e Pádua até voltar a Cândia. Há autores que o consideram Averroísta, mas ele sempre se afirmou como sucessor de Maimónides.

⁽⁵³⁾ Moshe Chaim Luzzatto (יִדְנַיִלְבֵּן דָּוִד מֹשֶׁה חַיִּים, ou Moses Chaim, Moses Hayyim, e Luzzato) viveu entre 1707 e 1746; conhecido pelo acronimo de RaMCHaL (ou RaMHaL, !?"nni), foi um destacado rabino italiano, cabalista e filósofo. Vide Karl Erich Grözinger, *Jüdisches denken: Von der mittelalterlichen Kabbala zum Hasidismus*, Francoforte a.M., 2005.

⁽⁵⁴⁾ Johannes Buxtorf (Basileia, 13 de Agosto de 1599-16 de Agosto de 1664) tinha o nome do pai que foi um grande exegeta. Leccionou principalmente em Basileia. Dele se dizia: "Non ovum ovo similius quam Buxtorf pater et filius". Manteve intensa correspondência com figuras célebres do seu tempo: Jacob Roman de Constantinopla, Joh. Heinrich Hottinger, Leon Siau de Constantinopla, Fiorio Porto de Mântua, Menahem Zion Porto Cohen de Pádua, Manasseh b. Israel, David Cohen de Lara de Hamburgo, Jacob Abendana de Amsterdão, Isaac Abendana, Joseph Delmedigo. Publicou os seguintes livros: *De Linguae Hebraicae Origine et Antiquitate*, Basileia, 1644; *Florilegium Hebraicum Continens Elegantes Sentencias, Proverbia, Apophthegmata: ex Optimis Quibusque Maxime vero Priscis Hebraeorum Scriptoribus Collectum et... Alphabetice Dispositum*, *ibidem*, 1648. São de referir as versões feitas para latim do *Moreh* de Maimónides, do *Doctor Perplexorum*, *ibidem*, 1629 e do *Cuzari* de Judah ha-Levi, *Liber Cosri*, *ibidem*, 1660.

Vemos o aparecimento de certos movimentos messiânicos que traduzem a ideia de futuro e de esperança como defendia Isaac. Entre os seus fautores, contam-se Laemmlein⁽⁵⁵⁾, Molkho⁽⁵⁶⁾, Reubeni⁽⁵⁷⁾ e Sabatay

Também escreveu sobre alguns livros de Abravanel: *De Sive de Excitii Poena, De Longa Vita Primorum Parentum., De Statu et Jure Regio, De Mosis Nomine.*

⁽⁵⁵⁾ Asher Lämmlein, de nacionalidade alemã, surgiu em Istria, perto de Veneza, em 1502. Impressionado pelas obras de Isaac Abravanel, proclamou a vinda para breve do Messias dentro de seis meses. Convidou os judeus à penitência e à caridade. A sua mensagem divulgou-se de tal forma pela Itália e Alemanha que aquele ano foi chamado "ano de penitência". A redenção e o regresso a Jerusalém estavam próximos. Entretanto faleceu e os discípulos abandonaram as suas ideias. Salo W. Baron sugere que a desilusão criada fez com que alguns intelectuais judeus se convertessem ao cristianismo como foi o caso de Victor von Carben e Johannes Pfefferkorn.

⁽⁵⁶⁾ Salomon Molkho que se chamava originariamente Diogo Pires (1500-13 de Dezembro de 1532) era um marrano (a distinguir do homónimo Diogo Pires (1517-1599), Didacus Pyrus Lusitanus, autor de várias obras em latim. Foi estudado por Américo da Costa Ramalho e Carlos Ascenso André, entre outros). Converteu-se ao judaísmo e proclamou-se Messias. Nasceu cristão em Portugal por volta de 1500 e exerceu cargos administrativos na corte. Manifestou tendência para o misticismo, a oniromância e as visões. Quando o aventureiro judeu David Reubeni veio a Portugal quis juntar-se a ele, mas foi rejeitado. Converteu-se então, circuncidou-se e tomou o nome de Salomon Molkho (talvez Molkho fosse um antepassado seu, que pode ter como raiz "melekh" que significa "rei"). Emigrou para a Turquia onde se dedicou ao estudo da Cabala junto de Joseph Taytazak. Além de David Reubeni encontrou também Joseph Caro. Dirigiu-se a Safed, centro da mística judaica, e começou a pregar a chegada do reino messiânico para 1540. Em 1529, publicou uma recolha de sermões com o título *Drashot*, ou *Sefer ha-Mefo'ar*. Esteve em Itália onde encontrou o papa Clemente V e veio depois a proclamar-se Messias. Com David Reubeni dirigiu-se à Alemanha onde se realizava uma Dieta em Ratisbona convocada pelo imperador Carlos V sempre acompanhado de um estandarte que tinha a inscrição '»2373 (acrónimo de "Mi kamokha baelim YHVH?" (Quem, entre os poderosos, é como Tu, Deus?). O imperador mandou Molkho e Reubeni para Itália, onde foram julgados por um tribunal eclesiástico de Mântua que os condenou à fogueira a 13 de Dezembro de 1532 (5 Tevet 5293 no calendário hebraico). O imperador prometeu-lhe o perdão se se convertesse, mas ele recusou.

⁽⁵⁷⁾ David Reubeni (1490-1535/1541?) era um judeu político e activista com tendência para o misticismo. Viajou muito tendo tido uma audiência com o Cardeal Giulio e com o Papa Clemente VII. Visitou o rei português D. João III em Almeirim, em Novembro de 1525, a fim de lhe pedir auxílio. Ali Molkho e Reubeni

Zevi⁽⁵⁸⁾. Todos repetem ou, pelo menos, reflectem os anseios de Abravanel.

E igualmente se formaram algumas correntes místicas, embora ele não fosse cabalista, as quais baseando-se na Cabbala, que germinaram profundamente em diversos círculos, em especial entre os Askenazitas. E tais correntes denotavam uma aspiração para superar a situação ambígua em que viviam os judeus.

Isaac tinha consciência de que a sorte do seu povo girava entre a alma que estava para além das realidades terrenas e o corpo que era constantemente agredido pela perseguição e pelas incertezas do dia-a-dia. Era uma espécie de dualismo entre a realidade e o ideal. E estava convicto de que a salvação não podia vir de nenhuma decisão e de qualquer plano humano, mas sim do poder divino, diz Netanyahu que apresenta a seguinte solução: "Inclinamo-nos a perguntar qual teria sido o destino histórico do povo judaico, se naquele momento de desastre - quando a tragédia da dispersão judaica, acentuada pela expulsão espanhola, se manifestou com plena evidência - se tivesse levantado um homem da envergadura de Abravanel e tivesse proposto um plano realista, um plano de voltar à Terra Prometida mediante a ocupação e a colonização. Inclinamo-nos a pensar que esse plano, embora tivesse sido inicialmente criticado, teria acabado por lançar raízes e preparado o caminho para futuros campeões"⁽⁵⁹⁾.

foram examinados pelos inquisidores. Molkho foi queimado em Dezembro de 1532 e Reubeni levado para Espanha e entregue à inquisição de Llerena, onde provavelmente terá morrido. Herculano escreveu que "um judeu vindo da Índia para Portugal" foi queimado num auto-da-fé em Évora em 1541. (*Vide Jewish Encyclopedia*, 598b, art. Inquisition, e também Évora). Uma outra fonte diz que Reubeni morreu em Llerena, Espanha, depois de 1535. *Vide* Lea Sestieri, *David Reubeni: un ebreo d'Arabia in missione segreta nell'Europa del '500*, Génova, 1991.

⁽⁵⁸⁾ Sabatay Zevi מֶצָוֶה, Shabbetay Zevi ou Sabetay Sevi em turco) viveu entre 1 de Agosto de 1626 e cerca de 17 de Setembro de 1676 em Dulcigno (hoje Ulcinj), no Montenegro. Foi Rabino e cabalista que se afirmou como o Messias, criando o movimento sabateu. Converteu-se depois ao islamismo, o mesmo fazendo alguns dos seus seguidores.

⁽⁵⁹⁾ Desde o exílio (*Galut*) que o povo judaico conheceu a diáspora. Abravanel deu à expulsão de Espanha uma nova perspectiva do *Galut* e estabeleceu a ligação entre *Galut* e salvação: "A eleição pressupõe a *Galut*, e esta os acontecimentos

E prossegue o autor: "Esta proposta teria alterado a atitude histórica dos judeus sobre o problema nacional, e teria mantido os seus olhos fixados na terra mais do que levantando-os para o céu. Mas não era esse o destino dos judeus. O líder político do tempo pregou contra a solução realista da questão. O homem imbuído de um profundo desejo de redenção, avisava contra toda a acção para a conseguir. Foi o momento mais sensível da história judaica, um desses momentos na vida de um povo quando a alma nacional se está forjando e modelando de novo por obra dos seus líderes espirituais. Era o momento para ter mudado o rumo histórico de Israel da diáspora para a Palestina, se tivesse existido um mínimo de realismo político entre os chefes judaicos, dos quais Abravanel era a figura mais em destaque".

Passada uma geração depois de Abravanel, apareceu um homem extraordinário com um plano realista do problema judaico: José Nasi, duque de Naxos, que idealizou a instalação dos judeus na Palestina⁽⁶⁰⁾.

sociais adversos, que com a salvação desaparecem" (Baer). Exige-se a ascese e a entrega ao estudo da Lei. Lutou contra os marranos que se escondem entre os povos estrangeiros pensando que se podem opor ao destino da história.

⁽⁶⁰⁾ José Nasi, também conhecido como João Miguez, por vezes com a forma Joseph, judeu português e homem de estado turco, duque de Naxos de 1566 a 1579, sobrinho de Gracia Nasi, nasceu por volta de 1510 em Portugal. Tinha fugido das perseguições de Castela. Relacionou-se em Antuérpia com o banqueiro Abraham Benveniste e com a corte. Imigrou para a Turquia, chegando a Veneza em 1549. Nasi pediu a Veneza uma ilha para estabelecer os judeus refugiados, mas foi-lhe negado. Os judeus foram expulsos de Veneza em 1550. Foi graças à intercessão do Sultão e também do influente político judeu Moisés Hamon que Soleimão o Magnífico se interessou pelo caso: viu as vantagens de instalar as famílias judaicas no território otomano. Conseguiu a libertação de Nasi que chegou a Istambul em 1553. Aqui abandonou o nome cristão, João Miguez, e recuperou o seu nome judaico, Joseph Nasi. Recebeu de Soleimão os maiores favores, entre os quais o feudo de Tiberíades e sete lugares da Palestina para serem colonizados por judeus. Nasi aparece a tratar de assuntos políticos de Maximiliano II, imperador (1564-76) e em 1566 apoiou os protestantes a rebelarem-se contra os espanhóis. Guilherme de Orange aconselhou-se com ele sobre a revolta de 1569 e pediu que influísse o sultão para que declarasse guerra a Espanha. Quando Selim morreu em 12 de Dezembro de 1574, Nasi perdeu a sua influência, mas manteve o cargo de duque. Faleceu a 2 de Agosto de 1579, sendo os seus bens confiscados pelo estado e o ducado deixou de existir. Em 1562 o sultão turco Soleimão concedeu a cidade a Don José Nasi, que tentou restabelecer nela uma comunidade judaica, mas no século XVII a cidade estava

Apelou a uma mobilização geral em ordem a ocuparem a Terra Prometida. Mas a sua voz não foi ouvida. Prevalencia a ideia de Abravanel segundo a qual a redenção devia ser pensada de modo sobrenatural. E conclui Netanyahu: "A máxima de Abravanel de que os judeus não podem nem devem fazer nada pela sua própria salvação foi o seu lema 'prático'. Em suma, foi a influência de don Isaac Abravanel que desfez a influência de don José Nasi". O que não significa que o grande Rabino de Lisboa não tenha dado um valioso contributo para a coesão e unidade do povo judaico num momento tão duro da sua história. À questão: *Quo vadis, Israel?*, ele deu a resposta: para a era da maior felicidade, para o reino dos céus, conclui Netanyahu.

No seu livro *Das Judentum*, Hans Kúng apresenta uma perspectiva do tema desde as suas origens até aos nossos dias considerado à luz de uma visão histórico-teológica. Começa por referir a substância permanente da Lei: a mensagem resume-se em que Javé é o Deus de Israel e Israel é o seu Povo; o evento revelador decisivo foi a libertação do Egipto e a Revelação do Sinai; o específico judaico é a afirmação de Israel como Povo de Deus e a Terra. Entre outros capítulos trata dos diversos paradigmas da vida de Israel: as tribos na época pré-estatal (Moisés e Josué), o reino na era monárquica (David e Salomão), a teocracia do judaísmo pós-exílico (Esdras e Neemias), o rabino-sinagoga da Idade Média (Raschi e Maimónides) e o da assimilação à Modernidade (Mendelssohn e Herzl) com o Holocausto (1933-1945) e o Estado de Israel (1948). Na segunda parte fala dos desafios do presente - do Holocausto ao Estado de Israel, da controvérsia entre judeus e cristãos e da superação da modernidade*⁽⁶¹⁾. Autores judaicos como Martin Buber, Joseph Agassi, Pinchas Lapide, Yeshayahu Leibowitz, Franz Rosenzweig e Hans Jonas têm dado valiosos contributos para o estudo do problema judaico. Para o nosso propósito interessa o que pensa Hans Kúng da época moderna que abre sob auspícios optimistas com uma nova fé na razão humana que se converte

em ruínas. Em 1777 imigrou para a cidade um importante contingente de adeptos do Chassidim. Vide Cecil Roth, *The House of Nasi: the Duke of Naxos*, Filadélfia, The Jewish Publication Society of America, 1948

⁽⁶¹⁾ Na terceira parte trata da possibilidade do futuro - o judaísmo na pós-modernidade, os conflitos vitais e o futuro da Lei, judeus, muçulmanos e o futuro de Israel, o Holocausto e o futuro do discurso sobre Deus - para concluir: não é possível uma nova ordem mundial sem uma nova ética.

em árbitro supremo da verdade. Foi na filosofia, nas ciências naturais empírico-matemáticas e na concepção secularista da política e do Estado que se revelou o aparecimento de um novo paradigma que depois com a revolução americana e a francesa irá conduzir à proclamação solene dos direitos humanos, e com a revolução industrial terá uma enorme repercussão no campo económico e social.

Tendo em atenção o caso judaico, merecem uma atenção particular Espinoza (1632-1677) com a sua doutrina sobre a concepção moderna de Deus, e especialmente Moses Mendelssohn (1729-1786), personalidade paradigmática da história religiosa, social e intelectual do judaísmo moderno. Muitos judeus alemães chegaram a considerá-lo um Messias moderno. Mendelssohn no que escreveu e no que proclamou tentou mostrar que sendo judeu não deixava de ser moderno, pois na adaptação ao tempo em que vivia soube manter o essencial da fé que professava.

Os direitos humanos foram também concedidos aos judeus, excepção feita aos Estados Pontifícios (papas Pio VI e Pio IX), facto que merece ser sublinhado. E foi na Alemanha que se assistiu verdadeiramente à mudança de paradigma, do medieval para o moderno: a integração social e não o gueto, a formação geral e a educação nas escolas públicas, a nova concepção de rabino, já não como juiz mas como pregador, pastor das almas, liturgista e pedagogo, a liturgia judaica reformada, a modernização da vida judaica em todos os aspectos.

De 1881 a 1945 surgiram vários prógromos, tendências racistas, o sionismo e o nazismo. Dos prógromos medievais passou-se ao antisemitismo baseado na biologia e na raça. Como paradigmas rivais detectam-se hoje o ortodoxo (negação da modernidade), o conservador (coexistência com a modernidade) e o reformado liberal (assimilação à modernidade), além evidentemente do movimento sionista com o Estado de Israel.

7. Abравanel como teólogo, exegeta e filósofo

Comentou o Pentateuco e os Primeiros e Segundos Profetas. Na sua exegese (*Parschanim*, de *paraseli*, ensinar, explicar), colocando-se ao lado dos grandes comentadores judeus, como Raschi e os Kimchis, tem em vista principalmente o Pentateuco e os Profetas fundamentando-se nas obras de autores clássicos e de exegetas judeus. Manifesta uma grande

desconfiança quanto à monarquia hebraica. Possuidor de uma óptima bagagem talmúdica e das ciências profanas, discute toda a tradição judaica desde a era talmúdica até à Renascença e fornece uma síntese do pensamento judaico e da interpretação bíblica ao longo de 1000 anos. Foi o primeiro erudito judaico a elaborar introduções aos livros bíblicos e a prefaciá-los cada parte com algumas dúvidas e também o primeiro a introduzir dados históricos e sociais do seu tempo. Os seus comentários caracterizam-se pela forma analítica e sintética. Primeiro coloca as questões e os problemas que se levantam ao texto; depois fornece uma síntese de tudo, em vez de analisar versículo por versículo. Serve-se de autoridades cristãs como Jerónimo e Agostinho, Lira e Tostado, que tantas vezes aceita. Isto era um dado novo. De realçar ainda o facto de nas introduções aos comentários bíblicos incluir notas muito importantes de carácter histórico. A maneira clara como se exprime traduz bem o seu espírito moldado nos ideais da Renascença. Corrige certas passagens de Jeremias e de Ezequiel. Por vezes é repetitivo nos seus comentários. Na sua abordagem verifica-se uma tendência racional e filosófica, mas colocando sempre o judaísmo como religião acima da filosofia.

De registar a influência exercida por Alfonso Tostado sobre o comentário ao Pentateuco de Abravanel como foi estudado por Solomon Gaon que analisa as leis da escravatura, do assassinio e das injúrias, dos empréstimos e dos danos, dos estrangeiros, do Sábado, da Terra, da bruxaria e idolatria, as leis judiciais e as leis dos dirigentes e do monarca⁽⁶²⁾. Tanto Abravanel como Tostado tiveram um forte adversário no grande inquisidor Tomás de Torquemada, sobrinho do cardeal João de Torquemada (1388-1468); Tomás era frade dominicano, nascido em 1420, em Valladolid, e falecido a 16 de Setembro de 1498, no Mosteiro de São Tomás de Ávila.

Especialmente de valor exegético são os comentários a Daniel, *Ma'jane ha-jeschua* (As fontes da salvação), e o tratado *Maschmia jeschu'a* (O anunciador da libertação) que são uma interpretação dos textos

⁽⁶²⁾ Vide Salomon Gaon, *The influence of the Catholic Theologian Alfonso Tostado on the Pentateuch Commentary of Isaac Abravanel*. O seu nome era Alonso Fernández de Madrigal, mas ficou mais conhecido por "el Tostado" ou "el Abulense"; nasceu em Madrigal de las Altas Torres, Ávila, em 1410 e morreu em Bonilla de la Sierra, Ávila, a 3 de Setembro de 1455. Revelou-se insigne como clérigo, académico e escritor espanhol, bispo de Ávila (1454-1455).

messiânicos nos textos proféticos. Outra secção é a *Jeschu'ot Meschicho* (Salvação do seu ungido) que trata de visões talmúdico-midráschicas sobre a vinda do Messias. Foram estes textos escritos para reconfortar os seus irmãos judeus que tinham sofrido a expulsão e para reforçar a sua fé na vinda do Messias. Atacou com violência o messianismo de Jesus e opôs-se aos judeus renegados que comentavam alegoricamente a chegada do Messias. Abravanel dizia que os tempos exigiam um redentor e previa a sua vinda para 1503.

Os últimos exegetas judeus foram Abravanel e Obadias Sforno (1475-1550)⁽⁶³⁾, ambos sob a influência do Humanismo e em contacto com os cristãos. Abravanel quis aplicar a sua ideia política aos Primeiros Profetas; os comentários proféticos estão cheios de messianismo. O Redentor está para breve. Aceita um meio caminho: filosofia, Midrasch (por vezes bastante crítico) e autores cristãos. Sforno, defensor do sentido literal, leccionou hebraico a Reuchlin⁽⁶⁴⁾. Mas também seguiu por vezes

⁽⁶³⁾ Obadiah ben Jacob Sforno (Obadja Sforno, hebraico **יבדא ספורנו**), Rabino italiano, comentador bíblico, filósofo e médico, nasceu em Cesena por volta de 1475 e veio a morrer em Bolonha em 1550. *Vide* Saverio Campanini, "Un intellettuale ebreo del Rinascimento. 'Ovadyah' Sforno e i suoi rapporti con i cristiani", in M.G. Muzzarelli (ed.), *Verso l'epilogo di una convivenza. Gli ebrei a Bologna nel XVI secolo*, Florença, 1996, pp. 98-128.

⁽⁶⁴⁾ Johann Reuchlin (29 de Janeiro de 1455-30 de Junho de 1522) foi um humanista alemão e professor de grego e hebraico, sendo uma das maiores referências do ensino desses idiomas da sua época. Foi lido e estudado posteriormente por historiadores como Ludwig Geiger. Johann Reuchlin nasceu em Pforzheim, onde seu pai foi oficial de um mosteiro dominicano. Tornou-se professor em Heidelberg e, por fim, tido como pai dos estudos hebreus modernos. Já no ano de 1506, publica sua primeira gramática da língua hebraica e em 1523 estava na primeira cadeira de grego estabelecida em Viena. Apesar de cristão, foi influenciado pela Cabala e por Pico de la Mirándola. Deste modo, o Zohar, a incorporação da Cabala, entrou em voga nos sistemas de todos os místicos do século XVI. Reuchlin escreveu no seu livro *De Arte Cabbalistica*: "Meu professor Pitágoras, o pai da filosofia, tomou os seus ensinamentos dos Cabbalistas... ele foi o primeiro a traduzir a palavra Cabbalah, desconhecida de seus contemporâneos, para a palavra grega filosofia... a Cabbalah não nos permite viver as nossas vidas no pó, mas eleva as nossas mentes à altura do conhecimento". Entre as suas muitas publicações conta-se ainda *De Arte Cabbalistica*.

a alegoria. Cultivou a filosofia como Abravanel. Voltaram ambos a David Kimchi⁽⁶⁵⁾.

Mais de carácter filosófico são um comentário ao *More Nevuchim* (O Guia de Perplexos de Maimónides e os dois tratados *Schamajim chadaschim* (Os novos céus) e *Mifalot elohim* (As obras de Deus), que tratam da criação. O "Guia de Perplexos" é a obra prima de Moisés Maimónides, que é considerado o maior pensador judaico de todos os tempos. Compara o racionalismo da filosofia de Aristóteles dos escolásticos medievais com os teólogos cristãos para a partir daí extrair os mistérios sublimes de ordem divina. Maimónides representa a veia mais rica da escola de Merkavá, a escola dos profetas dedicados às técnicas de ascensão para o interior do Sagrado Carro de Deus e para o estudo da Kabbala. Os ensinamentos contidos no "Guia dos Perplexos" conheceram uma enorme divulgação e desenvolvimento realizados por muitos autores, como Abraham Abulafia⁽⁶⁶⁾.

Os fundamentos do judaísmo são desenvolvidos no *Rosh Amana* (Os princípios da fé). Aí defende os 13 artigos de fé do sistema de Maimónides contra a redução a três princípios feita por Josef Albo⁽⁶⁷⁾. Foi Maimónides quem no seu comentário à Mishna (tratado Sanhedrin, cap. 10) os formulou. São a síntese da fé hebraica: a existência de Deus, a sua unidade, a sua espiritualidade incorporeidade, a sua eternidade, Deus como único objecto de adoração, a revelação de Deus pelos profetas, a preeminência de Moisés entre os profetas, a Lei de Deus dada no Sinai, a imutabilidade da Torah como Lei de Deus, a previsão de Deus acerca dos actos humanos, a retribuição do bem e do mal, a vinda e a ressurreição de Messias, a ressurreição dos mortos. A partir de Deut 4,13 e 10,4 trata da tradição do decálogo sobre o nome "'asaeret haddiberot" (são 10 ou 13 os mandamentos?), explicando que são ditos ou subentendidos.

⁽⁶⁵⁾ Vide nota 21.

⁽⁶⁶⁾ Abraham ben Samuel Abulafia (רפּוּבְּלִיּוּן אַבּוּלַפְיָהּ), o criador da escola da "Kabbalah Profética", nasceu em Saragoça, em 1240, e morreu depois de 1291 em Comino, arquipélago de Malta. Vide Moshe Idel, *The Mystical Experience in Abraham Abulafia*, trad. do hebraico por Jonathan Chipman, Albany, NY, 1988. Harvey J. Hames, *Like angels on Jacob's ladder. Abraham Abulafia, the Franciscans and Joachimism*, Nova Iorque, 2009.

⁽⁶⁷⁾ Joseph Albo (אבּוּ יוֹסֵף אַלְבוּ) (ca. 1380-1444), filósofo judeu e rabino, viveu em Espanha no séc. XV e é conhecido principalmente pela sua obra *ha-Ikkarim* ("Livro dos princípios"), livro clássico sobre os fundamentos do Judaísmo.

Estes princípios foram discutidos por certos autores e levantaram críticas da parte dos Rabinos Hasdai Crescas⁽⁶⁸⁾ e Joseph Albo⁽⁶⁹⁾, chegando mesmo a ser ignorados por muitos judeus durante séculos⁽⁷⁰⁾. Mas Abravanel defende que não há nenhum dogma no judaísmo e que se deve crer na totalidade da Torah, com todos os seus preceitos e mandamentos. Contudo, actualmente, o judaísmo ortodoxo mantém a sua validade.

O livro *'Atereí Zekenim* (A Coroa dos Anciãos), que redigiu quando tinha vinte anos, é uma análise exegético-filosófico-religiosa de Ex 23, 20 em que coloca o problema da presciência e da providência divinas. De carácter científico é o *Zurot ha-jesodot* (As formas dos elementos) em que trata das perspectivas grega, árabe e judaica dos sábios principais acerca do fogo, da água, da terra e do ar. Também escreveu um tratado de índole midráschica: *Avot* com o título *Nachalat avot* (A herança dos pais) e outro litúrgico homiliético sobre a Páscoa, *Zevach passach*.

A base é conservadora contra a perspectiva da ideia psicológica e científica do fenómeno da profecia de Maimónides. Defende o carácter sobrenatural da revelação de origem divina da mensagem profética. Também rejeitou a perspectiva racionalista de Maimónides acerca dos milagres, e que as tradições segundo a letra como cortes sobrenaturais devem ser aceites, pois valem pela sua historicidade.

Contra a aceitação de Aristóteles e de Averróis - quanto à criação "ab aeterno" - defende a criação "ex nihilo". Daí a imortalidade do homem contra a ideia de colectivo dos Averroístas. Há os bons e os maus que serão julgados segundo as suas obras. A imortalidade da alma é um tema bastante inculcado pelo autor. Não é a inteligência que dá

⁽⁶⁸⁾ Hasdai ben Judah Crescas (*V]pV]lp wrun*), nascido em Barcelona, ca.1340-1410/1411, foi um notável filósofo judeu e um reputado halakhista (mestre da Lei judaica). Juntamente com Rambam, Ralbag e Albo, revelou-se como um dos principais pioneiros da aproximação do racionalismo com a filosofia judaica. A sua posição relativamente à lei natural e ao livre arbítrio fazem dele um precursor de Spinoza. Vide Warren Zev Harvey, *Physics and Metaphysics in Hasdai Crescas*, Amsterdão, 1998; I, *Great Spirit and Creativity within the Jewish Nation: Rabbi Hasdai Crescas* (hebraico), Jerusalém, 2010. Abravanel segue na astrologia Crescas, Jehuda Ha-Levi e Joseph Albo.

⁽⁶⁹⁾ De Joseph Albo já falámos noutra parte do presente trabalho.

⁽⁷⁰⁾ Vide Menachem Kellner, *Dogma in Medieval Jewish Thought: from Maimónides to Abravanel*, Oxford, 1986.

a imortalidade, mas a prática da justiça, o bem praticado. Embora não fosse cabalista, simpatizava com a doutrina da transmissão das almas. A alma pode passar para vários corpos a fim de se purificar totalmente.

8. Elenco das obras de Isaac Abravanel⁽⁷¹⁾

1. Comentários: *Perusch 'al-ha-tora* (Pentateuco)⁽⁷²⁾; *Perusch 'al-nevi'im rishonim* (Profetas Anteriores)⁽⁷³⁾, *Perusch 'al-nevi'im acharonim* (Profetas posteriores)⁽⁷⁴⁾; e *Sefer Amos*⁽⁷⁵⁾.

2. Escritos messiânicos: *Ma'aynei ha-Yeschu'ah* (As fontes da salvação)⁽⁷⁶⁾; *Mashmi'ah Yeshua'ah* (O anúncio da salvação)⁽⁷⁷⁾, *Yeshu'ot Meshiho* (Salvações do seu ungido)⁽⁷⁸⁾.

3. Obras filosóficas: *'Aleret zeqenim* (A coroa dos anciãos)⁽⁷⁹⁾, *Zurot ha-Yesodot* (As formas dos elementos), publicada em apêndice a *'Ateret Zeqenim*.

Sefer Shamayim Hadashim (Os novos céus)⁽⁸⁰⁾.

Mif'alot Elohim (As obras de Deus)⁽⁸¹⁾.

She'elot u-eshwvot le-Shaul ha-Kohen (Perguntas e respostas a Saul ha-Kohen)⁽⁸²⁾.

Perusch 'al-sefer more nevuchim (Comentário ao Guia)⁽⁸³⁾.

(71) Sobre as traduções para latim das suas obras, *vide* J. Ch. Wolf, De Rossi, A. T. Hartmann, Ribeiro dos Santos, Steinschneider e outros.

(72) Veneza 1579; Varsóvia, 1827, 3 vols., Jerusalém 1964.

(73) Pesaro 1511-12; Leipzig 1686.

(74) Pesaro 1520; Amesterdão, 1641.

(75) *Sefer Amos. Don Isaac Abravanel y su comentário al Libro de Amos*, por Gregorio Ruiz, Madrid, 1984.

(76) Ferrara 1551, Settin 1860.

(77) Salónica 1526; Amesterdão 1644; Königsberg 1861.

(78) Koenisberg, 1861.

(79) Sabbioneta 1557; Varsóvia, 1894.

(80) Rödelheim, 1828.

(81) Veneza, 1592.

(82) Veneza, 1574.

(83) Varsóvia, 1872; Praga, 1831/32.

4. Fundamentos do judaísmo: *Rosh Amana* (Os princípios da fé)⁽⁸⁴⁾.
5. Liturgia: *Zevach pessach 1545 C.E.: The "Sefer Zevach Pesach" ("Passover Sacrifice Book") Haggadah that was first printed in 1505 C.E. is printed in a second edition in Constantinopla, 1506.*
Nachalat avot (A herança dos pais)⁽⁸⁵⁾.
6. Epistolografia: escreveu uma carta ao conde de Faro pela morte de seu sogro, o conde de Odemira, Sancho de Noronha; e três a Yehiel de Pisa⁽⁸⁶⁾.

9. Bibliografia

- AMADOR DE LOS RIOS, José, *Historia social, politica y religiosa de los judíos de España y Portugal*, reed., 3 vols., Valência, 1994.
- ATTI AS, Jean-Christophe, *Isaac Abravanel. La mémoire et Vesperance*, Paris, 1992.
- BAER, Yitshak, "Don Yitschak Abravanel ve-yahaso el ba'ayot ha-historia ve-ha-medina" (Don Isaac Abravanel, l'histoire et la politique), *Tarbiz*, vol. 8, 1937, pp. 241-250.
- BARZILAY, I. E., *Between reason and Faith. Anti-Rationalism in Italian Jewish thought 1250-1650*, Haia, 1967.
- BORODOWSKI, Alfredo Fabio, *Isaac Abravanel on Miracles, Creation, Prophecy, and Evil: The Tension Between Medieval Jewish Philosophy and Biblical Commentary*, Nova Iorque, 2003.
- CARVALHO, Joaquim de, *Leão Hebreu, filósofo: para a história do platonismo no Renascimento*, Coimbra, 1918; reed., in *Obra Completa de Joaquim de Carvalho*, vol. I, Lisboa, 1978.
- "Uma epístola de Isaac Abarbanel", in *Revista de Estudos Hebraicos*, vol. 1, 1928, pp. 231-238; reed., in *Obra Completa de Joaquim de Carvalho*, vol. II, Lisboa, 1982, pp. 115-125.

⁽⁸⁴⁾ Constantinopla, 1505; Veneza, 1545; com o título *Le Principe de la foi ou la Discussion des croyances du judaïsme*, trad. de Benjamin Mossé, Avinhão, 1884; ed. de A. Albert, Telavive, 1958; e de Menahem Marc Kellner, Toronto, 1982.

⁽⁸⁵⁾ Constantinopla, 1506.

⁽⁸⁶⁾ Publicada por David Kaufmann (a primeira incompleta), in *Revue des Études Juives*, vol. XXVI, 1893, e de novo (completa) por M. Grossberg como apêndice a *Sefer ha-Azamim*, de Abraham ibn Ezra, Londres, 1901.

- DAHAN, Gilbert, *Les Intellectuels chrétiens et les Juifs au Moyen Âge*, Paris, 1990.
- Dictionnaire Encyclopédique du Judaïsme*. Dir. de Geoffrey Wigoder, adaptado do hebraico para francês sob a dir. de Sylvie Anne Goldberg com a colaboração de Véronique Gillet, Arnaud Sérandour e Gabriel Raphael Veyret, Paris, 1993.
- Encyclopaedia Judaica*, Jerusalém, 1972.
- FELDMAN, Seymour, *Philosophy in a Time of Crisis: Don Isaac Abravanel: defender of the faith*, Londres, 2003.
- FURST, Julius, *Bibliotheca Judaica*, Leipzig, 1849.
- GOMES, J. Pinharanda, *A Filosofia Hebraico-Portuguesa*, Porto, 1981.
- GUTTMANN, Jacob, *Die Religionsphilosophische Lehre des Isaac Abravanel*, Breslau, 1916.
- HESCHEL, Abraham Joshua, *Don Jizchak Abravanel*, Berlim, 1937.
- KAYSERLING, Meyer e GINZBERG, Louis, art. "Abravanel", in *Jewish Encyclopedia*, 2002.
- KAYSERLING, Meyer e YERUSHALMI, Yosef Hayim, *Biblioteca española-portuguesa-judaica and other studies in Ibero-Jewish bibliography...*, Nova Iorque, 1971.
- KAYSERLING, Meyer, *Biblioteca española-portuguesa-judaica: Dictionnaire bibliographique des auteurs juifs, de leurs ouvrages espagnols et portugais et des oeuvres sur et contre les juifs et le judaïsme*, reed., Pamplona, 2001.
- KELLNER, Menahem, *Dogma in Medieval Jewish Thought: From Maimonides to Abravanel*, Oxford, 1986.
- LAWEE, Eric, "On the Threshold of the Renaissance: New Methods and Sensibilities in the Biblical Commentaries of Isaac Abarbanel", in *Journal Viator*, vol. 26, 1995, pp. 283-320.
- LAWEE, Eric, *Isaac Abarbanel's Stance toward Traditio*, Albany, 2001.
- LEVI, S., *La cité humaine d'après Isaac Abravanel*, dissert. filos., Estrasburgo, 1970.
- LEVY, Solomon, *Isaac Abravanel as a Theologian*, Londres, 1939.
- LIPINER, Elias, *Two Portuguese Exiles in Castille*, Jerusalém 1997.
- MINKIN, Jacob S., *Abarbanel and the Expulsion of the Jews from Spain*, New York, 1938.
- MUCZNIK, Esther, *Gracia Nasi. A judia portuguesa do século XVI que desafiou o seu próprio destino*, Lisboa, 2010.
- NETANYAHU, Benzion, *Don Isaac Abravanel. Statesman and Philosopher*, Philadelphia, 1953, 5.^a ed., 1998, Cornell University. Trad. esp. de Ciríaco Morón Arroyo, Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo, 2004.

- REINES, Alvin Jay, *Maimonides and Abravanel on Prophecy*, Cincinnati, 1970.
- ROSENTHAL, Erwin J. J., *Don Isaac Abravanel: Financier; Statesman and Scholar 1437-1937*, reed, de *Bulletin of the John Rylands Library*, Manchester, vol. 21 (2), Out. 1937.
- ROSSI, Giovanni Bernardo de, *Historisches Wörterbuch der jüdischen Schriftsteller und ihrer Werke*, trad, alemã de Hamberger do *Dizionario storico degli autori Ebrei e delle loro opere*, 2.^a ed., 1832.
- ROTH, Cecil, *The Jews in the Renaissance*, Filadélfia, 1959.
- RUDERMAN, David B. e VELTRI, Giuseppe (ed.), *Cultural Intermediaries: Jewish Intellectuals in Early Modern Italy*. (Jewish Culture and Contexts), Filadélfia, 2004.
- SAEBO, Magne (ed.), colaboração de Michael Fishbane e Jean Louis Ska, SJ, *Hebrew Bible / Old Testament*, vol. II: *The History of Its Interpretation: from the Renaissance to the Enlightenment*, Gottingen, 2008.
- SANTOS, Antonio Ribeiro dos, "Memorias da Literatura Sagrada...", in *Memorias da Litteratura Portugueza publicadas pela Academia Real das Sciendas de Lisboa*, vol. II, Lisboa, 1792.
- SARACHEK, Joseph, *Don Isaac Abravanel*, Nova Iorque, 1938.
- SCHMUELI, Ephraim, *Don Yitshaq Abarbanel ve-geirush Sefarad (Don Isaac Abravanel and the expulsion of the Jews from Spain)*, Jerusalem, 1963.
- SCHOLEM, Gershom G., *Le Messianisme juif. Essais sur la spiritualité du judaïsme*, Paris, 1974.
- SCHWAB, *Abravanel et son époque*, Paris, 1865.
- SCHWERIN, Jeanetter, "Ein Brief Dom Isaac Abra vanéis in portugiesischer Sprache", *Magazin fur die Wissenschaft des Judentums*, vol. 18, 1891, pp. 133-145.
- SKALLI, Cedric Cohen, *Isaac Abravanel: Letters. Edition, Translation and Introduction*. *Studia Judaica. Forschungen zur Wissenschaft des Judentums*, ed. de E. L. Ehrlich e G. Stemberger, vol. XL, Berlim - Nova Iorque, Walter de Gruyter, 2007.
- SLOAN, Dolores J., *The Sephardic Jews of Spain and Portugal: survival of an imperiled culture in the fifteenth and sixteenth centuries*, Jefferson, NC etc., 2009.
- SOIL, H., *Don Isaac Abravanel, sa vie et ses oeuvres*, Paris, s. d.
- SOLOMON, Herman Prins, "A Carta de Dom Isaac Abravanel ao Conde de Faro", *Cadernos de Estudos Sefarditas*, vol. 2, 2002, pp. 135-140.

- STEINSCHNEIDER, M., "Isaak Abravanel", in *Catalogus librorum hebræorum in Bibliotheca Bodleiana*, vol. II, Berlim, 1931.
- TREND, J. B. e LOEWE, Herbert, *Isaac Abravanel: Six Lectures*, Cambridge, 1937.
- VAJDA, Georges, *Introduction à la pensée juive du Moyen Âge*, Paris, 1947.
- VON MUTIUS, Gans Georg, art. "Abravanel, Isaak (1437-1508)", *Theologische Realenzyklopadie*, vol. 16, pp. 302-304.
- WOLF, J. Ch., *Bibliotheca Hebraica*, vol. I, Hamburgo e Leipzig, 1715.
- YERUSHALMI, Yosef Hayim, *A Jewish Classic in the Portuguese Language*, Lisboa, 1989.
- YERUSHALMI, Yosef Hayim, *Zakkor: Histoire juive et mémoire juive*, trad. do inglês, Paris, 1984.